

MEDIUNIDADE E EVANGELHO

Carlos A. Baccelli-Odilon Fernandes





Espírito Odilon Fernandes

MEDIUNIDADE

E

EVANGELHO

Índice

<i>Mediunidade e evangelho</i>	7
I Os espíritos	8
II As crenças populares	11
III Prosélitos	14
IV Sublime loucura	16
V Moisés e o Espiritismo	18
VI Obsessão específica	21
VII No princípio e agora também	24
VIII A participação do médium	27
IX A serviço do Cristo	30
X Conversões sérias	33
XI Conversações telepáticas	36
XII Psicofonia e transfiguração	39
XIII Os lugares assombrados	41
XIV Médiuns sem que o saibam	43
XV Médiuns facultativos	46
XVI Médiuns inspirados	49
XVII Flexibilidade mediúnica	51
XVIII Médiuns proféticos	54
XIX Caligrafia dos espíritos	56
XX Mediunidade e privilégio	58
XXI Mediunidade e loucura	61
XXII Personalismo	64
XXIII Médiuns e obsessão	67

XXIV falsários do Além	70
XXV Ausência de notícias	73
XXVI manifestações inconvenientes	76
XXVII O essencial	79
XXVIII Reuniões sérias	82
XXIX Pouco a Pouco	85
XXX Unamo-nos	87

MEDIUNIDADE E EVANGELHO

Se é verdade que o evangelho desceu a Terra pela intermediação Divina do Cristo de Deus, não é menos verdade que sem o evangelho a mediunidade não cumprirá com as suas elevadas finalidades entre os homens.

Odilon Fernandes

Uberaba, 18-04-92

OS ESPIRITOS

“ora, essas almas que povoam o espaço são precisamente o que se chama espíritos; os espíritos não são, pois, outra coisa que senão as almas dos homens desposados do seu envoltório corporal”

(“O Livro dos médiuns”)-

(1º parte - cap. 1 – Item 2. Edição IDE)

Não sendo mais do que os homens desencarnados, os espíritos, a princípio, não possuem uma sabedoria maior do que os que ainda mourejam no corpo físico. Afirmaríamos mesmo que a maioria dos espíritos vinculados á psicosfera terrestre encontra-se ainda em estado primário de evolução intelecto-moral.

A desencarnação não confere a ninguém a aureola de santidade, sem esforço ou o conhecimento que não se adquiriu a custa de ingentes sacrifícios.

Em desencarnando, nem todo espírito entra, por assim dizer, na posse do “patrimônio do passado”. Não raro esse ‘passado’ para a maioria dos espíritos, apresenta-se medíocre em matéria de conquistas espirituais. Muitos não têm a lembrar senão dessabores e grandes equívocos. Poucos são aqueles cujas experiências pretéritas, quando retornadas na memória, acrescentam ao presente alguma coisa de útil.

Não é porque o espírito já viveu muitas existências que ele seja necessariamente versado em diversos temas da vida. Tudo é uma questão de bom senso. O que determina o aproveitamento do espírito nas experiências vividas é o seu empenho de assimilar as

lições. Existem espíritos que considerados mais ‘novos’ superam os que estagiam há mais tempo nas faixas da razão.

Para que o espírito retome, de forma consciente e produtiva, o chamado ‘patrimônio do passado’, arquivado em seu subconsciente, é indispensável que ele possua discernimento para saber *o que fazer de si mesmo* e um certo grau de maturidade espiritual.

Estas considerações vêm a propósito da confiança cega que os médiuns, às vezes em interesse próprio, costumam depositar nos espíritos.

Os espíritos carecem de ser ouvidos sempre com cautela. Kardec no serviço da codificação procurou ouvi-los reiteradas vezes através de médiuns diversos, em diferentes ocasiões.

Existem espíritos que, embora sinceros nas opiniões que externam, agem de forma equivocada; outros, intitulados pseudo-sábios, falam do que conhecem superficialmente como se fossem grandes mestres no assunto.

Atualmente, grassa no meio espírita a delicada tarefa da cura, envolvendo cirurgias e receituário. Ora nem todo espírito – e nem todo médium tem a obrigação de efetuar diagnósticos quando consultados a respeito. O médium espírita que é apto para a produção de um tipo de comunicação talvez não o seja para outro.

Aqui entra em ação o personalismo: o médium, não desejando confessar as suas limitações, envereda por um caminho perigoso, colocando em risco, de forma inescrupulosa, a vida de muita gente.

O médium quando genuinamente “receitista” e o temos em número bastante reduzido – deve estudar e pelo menos ter uma noção de para que serve esse ou aquele medicamento que prescreve. Mesmo quando se trate de receituário homeopata o médium tem o dever de esclarecer-se para cooperar com o espírito, não deixando à conta dele toda responsabilidade.

Os médiuns não podem desconsiderar a inspiração, mas também não podem descurar-se da invigilância.

Em outras áreas da mediunidade, os cuidados carecem de ser os mesmos, tendo sempre em mente que entre transmissor e receptor deve haver uma perfeita sintonia para que a mensagem não sofra distorções prejudiciais.

Levemos ainda em consideração que, com o passar do tempo, tanto o médium quanto o espírito que habitualmente se comunica por seu intermédio pode modificar o seu ponto de vista sobre essa ou aquela questão. Isto é perfeitamente compreensível, de vez que a cada dia as nossas idéias vislumbram horizontes mais amplos.

Médium ou espírito que admite mudanças para melhor, confessando humildemente seus enganos, revela-se muito mais confiável que aquele que se julga infalível.

II - CRENÇAS POPULARES

“Conquanto o Espiritismo reconheça em muitas crenças populares um fundo de verdade, não aceita, de nenhum modo, a solidariedade de todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação”

(Cap.II. - 1º parte - item 14- parágrafo 5)

De fato, em quase todas as crenças populares existe um fundo de verdade. Também neste sentido o Espiritismo apareceu para os esclarecimentos que se fazem necessários à luz da fé raciocinada.

A lenda do lobisomem, por exemplo, é uma crença popular que tem atravessado séculos, como e quando teria surgido? Provavelmente foi na idade média que a crença, ao lado de tantas outras superstições, ganhou força. Entretanto, segundo pudemos nos informar da vida espiritual, a lenda do lobisomem não passa de uma manifestação de licantria. Determinados espíritos, sob hipnose de mentes mais poderosas ou mesmo sob a ação do próprio pensamento sobre o corpo espiritual, assumem formas animais, com propósito de se tornarem mais aterrorizadoras aos olhos de quem consiga percebê-las pela vidência psíquica ou mesmo quando consigam uma materialização total ou parcial de si mesmos.

Esse tipo de crença popular, no entanto, perde-se na noite dos tempos. A bíblia fala que Satanás se transformou numa serpente para tentar Adão e Eva... Entre os Egípcios e os Hindus acreditava-se que, por punição, o espírito poderia voltar à Terra no corpo de um animal. Pitágoras, o grande iniciado grego apregoava o respeito para com os cães dizendo que um deles poderia ser o reencarnação de um espírito amigo...

Embora fruto de muitas controvérsias, Jesus igualmente lidou com a licantria. O episódio do obsidiado gadareno, que vivia entre os túmulos de um cemitério, é muito significativo. Os espíritos que se autodenominaram “legião” pediram ao mestre que

os enviasse a uma manada de porcos que estava próxima... Não vamos discutir se na região existiam ou não porcos.

Talvez não seja tão conhecido dos espíritas o fato de que um cemitério de Sacramento, Minas Gerais, uma jovem tomada de um espírito “fuçava” o túmulo do grande missionário Eurípedes Barsanulfo, revirando a terra e desferindo guinchos próprios do animal em questão. Trazida a determinado grupo espírita de Uberaba em tarefa de desobsessão, depois de longas e pacientes sessões, conseguiu-se que o espírito começasse a falar como um ser humano e se descondicionasse a nível de corpo espiritual. A jovem evidentemente tratada sem sucesso pela medicina convencional recuperou-se e passou a viver uma vida normal.

Com o devido respeito que nos merecem, a leitura da sorte através de cartas, o jogo de búzios, a bola de cristal, a posição dos astros no firmamento e outros expedientes semelhantes, resumem-se puramente em um fenômeno mediúnico de intuição, dupla vista, presciência... Medianeiros os temos em todas as partes e em todas as condições.

Essa ambientação mágica e mística em torno do fenômeno é completamente dispensável, em que pese a sugestão que possa causar nas mentes ainda demasiado presa a rituais e fórmula exteriores.

A doutrina Espírita desmistifica e demitifica todo tipo de relacionamento com o Invisível, demonstrando que o relacionamento pode acontecer dentro de um clima de maior naturalidade possível.

Os espíritos que se deixam atrair por objetos e fórmulas bizarras de evocação, embora possam agir de boa vontade, são espíritos um tanto quanto vinculados às coisas materiais, como os médiuns de que se servem e as pessoas afeitas ao imediatismo das coisas.

Porque propõe a renovação íntima como base da solução de todos os problemas, e a renovação íntima requer disciplina, renúncia, sacrifício e trabalho cotidiano, as pessoas habituadas à lei do menor esforço, preferem soluções mais rápidas e menos onerosas para os seus problemas existenciais. É no que, infelizmente, a maioria se compraz e é este o maior obstáculo para a vitória do *Evangelho* nos corações.

Cabe ao Espiritismo explicar o maravilhoso e o sobrenatural que, a bem da verdade, têm ensandecido muitas mentes, mantendo-as acorrentada a um estranho cativoiro espiritual, impedindo assim, os vôos mais altos do espírito em busca da própria iluminação.

III – PROSÉLITOS

“O desejo natural e muito louvável de todo adepto, desejo que não se saberia mais encorajar, é o de fazer prosélitos”.

(Cap. III – primeira parte – item-18).

Em nossa opinião, o Espiritismo não deve, ao contrário de outras religiões, ter a preocupação sistemática de fazer prosélitos. É claro que a tarefa de divulgação de nossos princípios é imperiosa, no entanto mesmo aqui carecemos de ter bom senso, sob pena de nos transformarmos em fanáticos propagadores da verdade.

Foi na preocupação precípua de orientar os espíritas na difusão da Doutrina que Kardec escreveu o capítulo “do método”, afirmando que “os meios de convicção variam extremamente segundo os indivíduos; o que persuade alguns não produz nada nos outros; tal é convencido por certas manifestações materiais, tal outro por comunicações inteligentes, a maioria pela raciocínio”.

O próprio Kardec convenceu-se da realidade do fenômeno através do raciocínio. No entanto, enquanto não descobriu a causa que fazia as mesas se movimentarem, não parou de investigar.

O fenômeno mediúnico em si, na maioria das vezes deixando a desejar pelas condições em que é produzido, seja por deficiência do médium ou do espírito comunicante, não é o mais seguro meio de convicção. Um sábio como William Crookes careceu de três anos seguidos. Estudando as materializações de Katie King, para convencer-se. Alguém que tivesse uma primeira experiência de vidência com um espírito queria ter um segundo, uma terceira, e assim sucessivamente, para não acreditar-se alucinado.

No Evangelho, depois de ter efetuado tantos prodígios como a ressurreição de Lázaro, a cura de tantos doentes e endemoniados, a transfiguração no Tabor, a levitação sobre as águas, a multiplicação dos pães e dos peixes, os seguidores de Jesus ficam na expectativa de outras provas para definitivamente crer que Ele era o Messias. No momento extremo da cruz, Gestas o desafia: “Tu que destróis o templo, e em três dias o reedificas, salva-te a ti mesmo; se és filho de Deus, desce da cruz.

Estamos convictos, em nossa condição de espíritos desencarnados, que a nossa missão, em nos comunicando junto aos homens, é a de simplesmente manter acesa a chama da dúvida dentro das almas.

Só se convence verdadeiramente quem se convence pela razão. Daí a importância da veiculação da *mensagem espírita* porque, se se pode contestar-lhe a origem, não se pode refutar-lhe o conteúdo. As “mesas girantes” passaram, mas o que Kardec extraiu delas permanece em seus fundamentos

Paralelamente ao trabalho sereno de divulgação espírita, os adeptos da doutrina não devem esquecer-se de que o argumento do exemplo sempre é o mais convincente. Pelos frutos se conhece a árvore – ensinou-nos Jesus.

Consideremos ainda que, sendo a expressão da verdade, o Espiritismo caminhará naturalmente. Após o “pentecostes espírita” das mesas girantes, quando muitos se convenceram das realidades da Vida Espiritual, estamos agora na fase do despertamento de alma por alma. O mesmo fenômeno deu-se no cristianismo.

É inegável que não devemos colocar a lâmpada sob o alqueire, mas carecemos de ser comedido, recordando que nós mesmos, os espíritas, ainda não permitimos que a luz do Consolador nos clareasse integralmente por dentro. Muitos que já aderiram ainda não consentiram...

Retornando ao primeiro parágrafo destas nossas despretensiosas considerações, a fim de que não sejamos mal interpretados, queremos reafirmar que o labor de divulgação da doutrina é o mais louvável e deve ser incentivado ao máximo. Neste sentido, o livro, o jornal, a revista, a tribuna e a mensagem impressa em panfletos, avalizados pela força do exemplo na vivência diária, mais do que as mais retumbantes manifestações mediúnicas de caráter público, devem concentrar-se todos os esforços dos espíritas esclarecidos, conscientes de que o conhecimento da verdade liberta o homem da ignorância em que se enclausura.

IV – SUBLIME LOUCURA

“É preciso, com efeito, convir que essa loucura, se loucura há, tem um caráter bem singular, que é de atingir de preferência as classes mais esclarecidas. (...)”

(Cap.IV – 1º parte – item-39)

Às sensatas palavras de Allan Kardec que encimam este capítulo, acrescentaríamos o que disse Paulo em uma de suas epístolas quando afirma que “a linguagem da cruz é loucura para aqueles que se perdem, mas para aqueles que se salvam, para nós é poder de Deus.”

Desde tempos imemoriais o contato com o Além foi considerado loucura por aqueles que não podiam compreendê-lo. A princípio respeitados, os sensitivos primitivos foram, mais tarde, catalogados à conta de pessoas nocivas à vida comunitária, mormente quando a igreja banuiu o pneumatismo de suas práticas.

Proibido o intercâmbio espiritual *entre os dois Mundos*, os medianeiros que não conseguiam contê-lo eram considerados loucos e não raro, as famílias os escondiam nos porões de suas casas, mantendo-os em regime de cruel cativo, onde pagavam o preço de seu incompreendido pioneirismo no campo das manifestações paranormais.

Não se tem a conta dos milhares de sensitivos que, na idade média, foram enviados às fogueiras ou eliminados das mais variadas formas pela intolerância religiosa vigente. Ainda hoje segundo estudiosos do assunto, a Europa expia suas faltas para com esses precursores da Nova Era. Talvez seja esse um dos motivos pelos quais o materialismo semelhante a imenso polvo, prende em seus fortes tentáculos tantas mentes brilhantes, fazendo da Europa um terreno espiritualmente árido. Talvez seja ainda por isso que “matando os profetas” que lhe eram enviados, conforme o Cristo expressou-se contra Jerusalém, o mundo europeu, e também parte da América do norte, se sintam perdidos num labirinto de tantos e estranhos movimentos espiritualistas que, sem vínculo com o Evangelho, sobrevivem por si mesmos, mercadejando com os dons espirituais e digladiando-se uns com os outros pela posse

exclusiva da verdade. Talvez seja por isso também que, faltos de médiuns que se prestem aos seus experimentos de laboratório, os estudiosos estrangeiros se afligem na construção de máquinas capazes de restabeleceram a ligação entre as esferas espirituais...

Vejamos agora, por outro, como as posições se invertem, mostrando que o triunfo da verdade é apenas uma questão de tempo. Quantos mais cristãos eram mortos nas arenas romanas, mais eles se multiplicavam através do sangue dos próprios mártires... Quanto mais médiuns entregues às fogueiras medievais, um número maior de sensitivos começou a aparecer em diferentes partes do globo e, hoje, para queimá-los todos teria de se atear fogo à Terra.

Ma não somente houve uma generalização da mediunidade, como conseqüência natural da evolução humana; o Espiritismo “caiu nas graças” do povo e, segundo demonstram as regentes pesquisas, uma parcela considerável da população brasileira é espírita, e uma parcela bem maior confessa-se simpatizante. E embora a Doutrina conte com excelente penetração em todas as classes sociais, são justamente os mais ilustrados, que antes se lhe opunham, que agora lhe abraçam os postulados, vendo nele a única explicação lógica para a vida.

Parafraseando Paulo, se estamos loucos, certamente estamos tomados por uma sublime loucura que, com o Cristo, o Grande Visionário da Cruz, nos faz sonhar com o Reino de Deus sobre a face da Terra.

Que Divina loucura será esta que pede ao homem para que se renove interiormente com base no “amai-vos uns aos outros?” Que excelsa loucura será a do homem que se recusa a crer na morte, pensando como pensou o inolvidável apóstolo dos gentios; “E, se não há ressurreição dos mortos, também o Cristo não ressuscitou. E se o Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a nossa fé.”

A mensagem de amor do evangelho é tão profunda e tão ousada, que até hoje, passados dois milênios, quem se disponha a vivenciá-la, em plenitude, como o fez Francisco de Assis, é considerado alienado.

Infelizmente, pelos valores que ainda prevalece no mundo, quem se disponha a perdoar uma agressão é chamado covarde.

V – MOISÉS E O ESPIRITISMO

“O melhor meio de se premunir contra os inconvenientes que se pode apresentar na pratica do Espiritismo não é o de interditá-lo, mas o de fazê-lo compreendido”

(cap. IV – 1º pt – item 46)

Nunca será demais comentar a proibição de Moisés que o Deuteronomio estabelece sobre a comunicação com os mortos. Este simples preceito do antigo Testamento tem criado os maiores entraves para o intercâmbio entre os dois mundos. Por causa dele, desconsidera-se toda a fenomenologia mediúnica registrada em detalhes, nas páginas da bíblia.

Moisés, sem dúvida foi um dos maiores médiuns da história da humanidade. Em permanente contato com os espíritos, entre os quais destacava-se o próprio Cristo, o grande legislador Hebreu foi intermediário dos mais significativos fenômenos de que se tem notícia, desde a recepção do Decálogo no monte Sinai à sua própria aparição, depois da morte no monte Tabor, ao lado do profeta Elias, no episódio da transfiguração.

A vida de Jesus está toda assinalada pela presença de fatos mediúnicos, denotando a ação do Mundo Espiritual sobre o mundo corpóreo.

Baseando-se na milenar proibição de Moisés, muitos religiosos conservadores condenam a prática mediúnica da Doutrina Espírita, ignorando não raro por conveniência que são os próprios espíritos que tomam a iniciativa na comunicação. Como fazer calar a voz do Invisível?! Pode-se queimar os médiuns, mas não se queimam os espíritos!...

Allan Kardec, em o “Livro dos Médiuns”, manifestou-se contrário à evocação leviana dos “mortos”, chegando mesmo a desaconselhá-la. Entretanto a Doutrina surgiu, como bem definiu Sr Artur Conan Doyle, de uma “invasão organizada” que os espíritos promoveram sobre a Terra, fazendo mesas girar, dando pancadas nas paredes e no teto das casas, transportando objetos, materializando-se...

Foram eles, os espíritos, que espontaneamente vieram acordar os homens para as realidades da vida espiritual.

Os fenômenos de obsessão estão aí para provar á saciedade, que é impossível por um simples decreto demolir a escada de Jacob... A cada passo Jesus se defronta com possessos de toda espécie que eram, por assim dizer, vampirizados pelos espíritos que agiam como “comensais” em sua vida física e psíquica

Seguindo os passos do Dr. Bezerra de Meneses, que publicou o célebre “*A loucura sobre novo prisma*”, o nosso confrade recém desencarnado Dr. Inácio Ferreira, durante cerca de cinquenta anos efetuou pesquisas no sanatório Espírita de Uberaba, publicando diversas obras sobre psiquiatria e reencarnação. Isto, evidentemente, sem mencionarmos o esforço de outros grandes pioneiros da área, cujas obras permanecem inéditas para a grande maioria.

Kardec, através desse livro monumental que é o “*Livro dos médiums*” suspendeu o véu que nos toldava a visão do Invisível e pavimentou os caminhos a fim de que através da mediunidade, nos movimentássemos com segurança.

Ao invés de hospitais psiquiátricos, as chamadas reuniões de desobsessão se multiplicaram nos grupos espíritas e o intercâmbio passou a ser controlado sem maiores problemas, com os espíritos infelizes sendo evangelizados e com os médiums sendo esclarecidos quanto à sua condição.

Desde que o codificador descortinou para a humanidade os caminhos de Além-túmulo, os espíritos não mais puderam agir tão ás ocultas quanto agiam, porque foram “descobertos” em seu próprio domicílio. Tiveram que atuar de forma mais sorrateira, convictos de que, doravante não mais poderiam contar com o anonimato que lhes garantiam imunidade. Referimo-nos é claro, aos espíritos que se compraziam e se comprazem no processo de obsessão.

Os próprios medianeiros foram instruídos a respeito da problemática da sintonia, aprendendo a direcionar essa ‘antena’ para os sinais positivos emitidos pelos espíritos mais esclarecidos, transformando-se em canais receptores de mensagens de ordem superior.

Façamos, ao final destes apontamentos, uma consideração que consideramos oportuna: A prática do Espiritismo inclui a prática da mediunidade, mas a prática da mediunidade em si não tem nada a ver com a prática do Espiritismo, cuja finalidade precípua é reviver o cristianismo.

VI – OBSESSÃO ESPECÍFICA

“Os espíritos, como se vê, são, pois, seres semelhantes a nós, formando ao nosso redor, toda uma população invisível em seu estado normal (...)

(Segunda parte – cap. I – item-56)

Talvez que este capítulo, pelo assunto que pretendemos desenvolver, devesse se intitular auto-obsessão. Comumente, o problema da auto-obsessão é quase desconsiderado, mesmo entre os estudiosos da questão. O que pretendemos por auto-obsessão? É o que tentaremos explicar de forma mais simples possível.

O espírito ao reencarnar, dentre as muitas dificuldades que assinalam a sua personalidade como um todo, renasce com um problema específico em determinada área, como se aquele ponto fosse o mais vulnerável. Para explicar, escolhemos o sexo, já que é justamente na área da sexualidade que se concentram os maiores conflitos humanos.

Compromissados no campo do sexo, pelas experiências equivocadas do passado, o espírito reencarnado ao alcançar certa faixa etária, começa a revelar as suas tendências. É como se aquela “força” em desequilíbrio, até então dormente, começasse a despertar na intimidade do ser.... De um simples pensamento invigilante passando a idéia fixa, se não combatida com veemência no nascedouro, esse idéia qual se fosse entidade imaginária acaba tomando conta da pessoa...

Até aqui não falamos em obsessão. Atormentados pelas inclinações que observa e reprime em si, o espírito reencarnado, em uma segunda etapa, pode então, oferecer campo a atuação para os obsessores aos quais estejam eventualmente comprometido.

Não se pode culpar os espíritos por tudo quanto os homens fazem no mundo. Como no intercâmbio sadio, *o processo obsessivo requer parceria*. Dificilmente o obsessor dominaria quem não se

deixasse dominar ou quem não lhe oferecesse campo no fenômeno da “enxertia psíquica.”

Obsidiado pelos próprios hábitos infelizes do pretérito, que se lhe incorporaram à personalidade através da repetição, o homem se vê atormentado por si mesmo, mormente quando anseia libertar-se dos grilhões que forjou.

Exemplificamos com o sexo, mas poderíamos ter exemplificado com o alcoolismo, com o hábito de furtar, com a tendência quase irresistível de certas pessoas para o suicídio.

Enfoquemos, agora, a questão da obsessão *específica*. O que queremos dizer com isso? É que essas pessoas às quais nos referimos, excetuando-se a auto-obsessão específica que portam, levam uma vida praticamente normal, no sentido que conseguem até ser admiradas em seu caráter, revelando não raro invejáveis dotes intelectuais e até morais.

Ainda exemplificando, poderíamos ter uma pessoa cuja conduta na área da sexualidade não compreendemos, no entanto no campo da benemerência social se faz credora de nosso maior respeito. Em outras pessoas de caráter nobre, ficamos sem entender o vício do alcoolismo a que se entregam, na estranha compulsão que experimentam para beber.

Pode parecer temeridade o que afirmamos, mas existem espíritos reencarnados que, para se complicarem não precisa do auxílio de obsessores. Alguns desses espíritos chegam a possuir uma cobertura espiritual de abnegadas afeições que, respeitando-lhes o livre arbítrio, nada conseguem fazer para afetivamente auxiliá-los - Assistem melancolicamente, à ruína desses corações amados, orando a Deus para que se lhe conceda novas oportunidades de reajuste futuro.

Mas assim como os espíritos reencarnam com tendências infelizes, não podemos omitir a conquista de valores morais de tantos outros que renascem com uma inclinação natural par o bem. São aqueles que através de árdua disciplina e continuados esforços, incorporam em si determinadas virtudes que, desde o berço, os caracterizam.

Creemos que, pelo menos em parte nos fizemos entender.

A luta do espírito seja na Terra ou no Além, é sempre a mesma. O drama evolutivo de cada um é uma história de muitas lágrimas.

Dentro de cada alma, coexistem o trigo e o joio. Saibamos separá-los, começando por nós...

Não se pode condenar a laranjeira porque algumas laranjas não são boas. Nem maldizer o pomar porque uma ou outra árvore nos decepciona.

Não desprezemos o medianeiro que, aos nossos olhos se revele portador de determinadas deficiências. Ao contrário, amparemo-lo para que em si a mediunidade seja inconspicível fonte em meio ao 'detritos' que lhe margeiam o curso.

VII – NO PRINCÍPIO E AGORA TAMBÉM

“No princípio, como se ignorasse a causa do fenômeno, se havia indicado várias precauções, depois reconhecidas como absolutamente inúteis; tal é, por exemplo, a alternância dos sexos; tal é ainda, o contato dos dedos mínimos das diferentes pessoas, de maneira a formar uma cadeia não interrompida.”

(Cap. II – segunda parte – item 62)

Não apenas no princípio, mas igualmente nos tempos atuais, a falta de esclarecimento de seus seguidores tem sido o maior entrave à propagação da Doutrina.

Muitos confrades vêm no Espiritismo uma doutrina de “uso” pessoal e querem *tocá-la a seu modo*. Consideram-se “donos” de centros espíritas, isolam-se dos demais grupos, criticam o movimento unificacionista, e se médiuns, não admitem qualquer tipo de “concorrência” em seu campo de trabalho.

Por incrível que pareça, existem muitos espíritas assim... Acreditam saber mais que os benfeitores espirituais, sem, não raro conhecer as obras da codificação. Inventam fórmulas especiais para transmitir passes, centralizando em si todas as atividades do grupo, e aí de quem ouse discordar de suas opiniões.

Com as nossas observações não desejamos criticar nenhum companheiro de ideal, que às próprias expensas, funda e mantém ativa uma instituição, prestando imensos benefícios à comunidade. Entretanto, em doutrina espírita carecemos sempre de uma visão mais ampla das coisas, a fim de que não nos equivoquemos quanto aos seus objetivos.

Não é porque somos servidores do bem que podemos nos permitir desmandos, para que não corramos o risco de ceifar com a mão o que plantamos com a outra...

Por mais façamos a caridade, seja na Terra ou no Além, estejamos convencidos que estaremos resgatando apenas parcelas

de nossos grandes débitos perante a lei. Portanto, jamais nos sintamos justificados perante nossos erros.

Conforme esclareceu o codificador, uma reunião espírita deve ser a mais simples possível. Fórmula alguma deve substituir a boa intenção. Não há necessidade de preces especiais, ou de quaisquer outras providências “externas”, ou seja, o que mais conta é a sinceridade de propósitos. O costume mantido por determinados grupos espíritas de se separar os homens das mulheres, destinando-lhe lugares na assembléia é inócuo. Como sem razão de ser é também o hábito de se retirar relógio do pulso e anéis dos dedos, quando na transmissão do passe.

Escreveu Kardec no capítulo em questão que, para a manifestação física das mesas girantes “a presença de metais, da seda na veste dos assistentes, os dias, as horas, a escuridão ou a luz, etc. são tão indiferentes quanto a chuva ou o bom tempo. “A rigor, até destampar-se a garrafa d’água a ser fluidificada é desnecessário, porque a matéria não constitui obstáculo intransponível para os espíritos.

O apego a fórmulas e rituais numa reunião que se intitule espírita é ainda herança do paganismo e, no fundo demonstra a predominância do “exterior” sobre o interior, porque a bem da verdade, é muito mais fácil como disse o Cristo oferecer a Deus sacrifícios matérias o que o próprio coração...

As chamadas correntes mediúnicas também precisam ser melhor avaliadas. Se é fato que a afinidade estabelece sintonia entre os médiuns de um grupo, estabelece um “força homogênea” e direcionada no mesmo sentido, não o é a crença de que o simples ajuntamento de médiuns em torno de uma mesa que possa conferir-lhe proteção, para que o trabalho se desenvolva imune dos ataques das trevas... Os médiuns podem perfeitamente ficar fisicamente distantes uns dos outros, desde que espiritualmente estejam próximos... “As correntes mediúnicas” se formam a partir dos elos dos sentimentos e não da disposição das cadeiras ocupadas pelos medianeiros.

Existem “correntes mediúnicas” que estão tão fracionadas, que são justamente elas que mais embarçam o trabalho dos espíritos. Não raro, simples freqüentadores de uma sessão espírita colaboram mais do que aqueles que permanecem à frente, com a responsabilidade da direção dos trabalhos.

Ser médium não é privilégio, e dirigir uma instituição espírita é responsabilidade das mais sérias.

VIII – PARTICIPAÇÃO DO MEDIUM

“Foi então que surgiu um novo sistema, segundo o qual essa inteligência não seria outra senão a do médium, do interrogante ou dos assistentes”.

(Cap. III – Segunda parte – item 69).

Em o livro dos médiuns, no capítulo das “manifestações inteligentes”, Kardec estuda a controvertida questão da participação ou da ingerência dos médiuns nas mensagens de que se façam interpretes.

Os adversários da doutrina, negando a sobrevivência da alma, ou pelo menos o intercambio dos espíritos com o mundo corpóreo, afirmam que toda comunicação seria anímica, ou seja, fruto da imaginação do médium.

Pesquisas exaustivas legadas a efeito pelo codificador, e um cem número de outros pesquisadores, atestaram a presença do espírito comunicante, demonstrando a independência do seu pensamento sobre o pensamento do sensitivo.

Os fenômenos de xenoglossia foram sempre os mais inequívocos nesse campo. Médiuns de pouca instrução falava e escreviam em idiomas desconhecidos para eles, inclusive em algumas línguas e dialetos mortos. No mínimo se não se atestasse a autenticidade do intercâmbio mediúnico, o fato seria uma prova incontestada da reencarnação.

Vale ressaltar que a hipótese da telepatia inconsciente aventada por muitos contestadores da mediunidade, fica igualmente afastada de vez que, dentre os presentes, nenhuma se expressava, ou pelo menos conhecia rudimentos do idioma utilizado pelo espírito.

Entretanto, o que os estudiosos precisavam e precisam entender é que o médium não é nenhuma caixa falante ou simplesmente uma antena receptora de sinais... Se até na produção dos fenômenos físicos o “animo do médium é fator de fundamental importância, o que diremos da sua participação das comunicações inteligentes?!

No momento da incorporação ou da psicografia, o espírito do médium não abandona ao espírito comunicante como muita gente pensa. O contato do espírito com o medianeiro acontece mente a mente, de sorte que o que existe entre ambos é um processo de “parceria”.

Querer que o espírito se substitua integralmente ao médium, numa passividade total, é desconhecer o mecanismo das comunicações. Se, por exemplo, nem mesmo os “chiados” de uma transmissão telefônica o homem está livre, ou do que se dá o nome de linhas cruzadas (estamos nos referindo a uma máquina que, isenta de emoções, deveria operar com toda a precisão possível), como o sensitivo poderia anular a ponto de não “interferir” nas comunicações que, necessariamente passa pela sua alma, num processo de filtragem natural?!

Da participação do médium nos comunicados, com a responsabilidade inclusive de controlá-los, Paulo de Tarso falava a quase dois mil anos atrás. Na primeira epístola que escreveu aos Coríntios, o capítulo XIV encerra um verdadeiro tratado sobre mediunidade. Vejamos alguns versículos:

“... Prefiro falar na Igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outras línguas.”

“No caso de alguém falar em outra língua que não sejam mais do que dois ou quando muito três, e isto sucessivamente, e que haja interprete.

“Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas; porque Deus não é de confusão; e, sim, de paz”.

Quando de forma inspirada, o grande apóstolo dos gentios declara que “os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas” ele diz que os médiuns, então chamados profetas, tinham responsabilidade de controlar os “seus” espíritos, para que as ‘profecias’ ou comunicados obtidos não fossem infrutíferos, estabelecendo confusão entre os participantes do culto.

Quando nos referimos anteriormente aos fenômenos das linhas cruzadas numa ligação telefônica, não podemos deixar de aduzir que, de acordo com Kardec, os pensamentos, as emoções e os anseios das pessoas que integram uma reunião mediúnica “interferem” de forma decisiva na *qualidade* da mensagem transmitida. Que isto fique claro, para que tanto os médiuns quanto

os estudiosos da fenomenologia espírita compreendam de vez, que querer que não seja assim é o mesmo que desejar inverter a natureza das coisas por um simples capricho.

IX – A SERVIÇO DO CRISTO

“12. Compreendemos que os espíritos superiores não se ocupam das coisas abaixo deles; mas, perguntamos se, em razão de serem mais desmaterializados, teriam força de fazê-lo, se tivessem disso vontade?”

“Eles têm a força moral, como os outros têm a força física; quando têm necessidade dessa força, servem-se daqueles que a possuem. Não vos foi dito que se servem dos espíritos inferiores como fazeis com os carregadores?”

(Cap. IV – segunda parte – item 74)

O trabalho de construção do reino Divino na Terra permanece sob orientação do Cristo, o governador espiritual do planeta que nos serve de moradia entre as múltiplas moradas da casa do pai.

Conforme os espíritos superiores têm dito também a nós, companheiros desencarnados domiciliados nas regiões próximas ao planeta -, Jesus tomou a Terra sob sua responsabilidade desde que ela desprende-se da nebulosa solar... Foi Ele que orientou e que orienta, de Mais Alto, todas as iniciativas que objetivam o progresso da humanidade.

Os grandes missionários, quais Rama, Buda, Lao-Tsé, Sócrates e tantos outros que, de tempos em tempos, corporificam-se no orbe terrestre, são seus enviados, abrindo caminhos para a vitória do Evangelho.

Foi ele quem dialogou com Moisés em várias oportunidades e o próprio decálogo pode ser considerado como de sua autoria. Ele quem falava pela boca dos profetas e foi ele ainda que, cumprindo a promessa, providenciou a vinda do Consolador através do Espírito da Verdade.

Entre o Senhor e os homens, no entanto, existem milhares de intermediários, qual se fosse cada um deles, os degraus de uma imensa escada, cujo ápice abençoado se encontra situado em alguma parte do firmamento estrelado...

“Assim como tudo se encadeia no universo”, até mesmo o mal concorre na obra de espiritualização das criaturas, sendo utilizados para exaltar a força do bem. Somos todos instrumentos de

aperfeiçoamento uns dos outros, aprendendo a duras penas o que nos compete saber.

Em outros reinos da natureza, existem espíritos que se responsabilizam pelos elementos que os constituem. No reino vegetal, por exemplo, verdadeiro laboratório de experimentos, há espíritos que se entregam á criação de novas espécies de árvores, plantas, flores, e frutos, promovendo com o concurso valioso do tempo o cruzamento das espécies diferentes. Vejamos que ao lado das espécies em extinção a ciência está descobrindo sempre novas espécies vegetais.

Este preâmbulo em nossas considerações é para afirmarmos que todos os espíritos, de uma forma ou de outra, mesmo agindo de forma inconsciente, estão a serviço do Cristo, qual se fosse as nota musicais de uma excelsa sinfonia, cuja orquestração permanece nas mãos do Divino Mestre.

Dentro das nossas reflexões, recordemo-nos das palavras inspiradas que lhe dirigiu em Cafarnaum, o centurião que rogava a cura de seu próprio servo: “Senhor, não sou digno que entres em minha casa; mas apenas manda uma palavra, e o meu rapaz será curado.

Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens, e digo a este: Vai, e ele vai, e a outro: Vem e ele vem; e ao meu servo: Faze isto, e ele o faz.

Os espíritos mesmo aqueles que se ocupam dos assuntos humanos mais triviais, submetendo-se ao capricho de quantos lhes evocam a presença, estão cumprindo uma tarefa da qual, na maioria das vezes eles próprios não suspeitam. Crêem estar agindo por si mesmo, quando na realidade estão sob o “impulso” da lei que rege os nossos destinos.

Quando chega o momento de que algo aconteça, tornamo-nos os “instrumentos” da ação que se deve desencadear. Lembrando o que nos disse Jesus: “... é necessário que venham escândalos; mas ai do homem por quem o escândalo venha”, entendamos que o mal se corrige quem o recebe, não deixa de voltar-se contra o seus agentes, transfigurando-se em bem tanto para que um tanto para o outro, à luz da lei de ação e reação.

Quando da codificação da Doutrina, precedendo a falange do Espírito de Verdade, vieram os espíritos “batedores” que faziam as

mesas girar, promovendo os mais insólitos fenômenos de natureza física. Aberta as “picadas”, os espíritos esclarecidos deram, então, início à tarefa de aplainar os caminhos, contando com o valioso concurso do mestre lionês e tantos outros que lhe secundaram os esforços.

X – CONVERSÕES SÉRIAS

Falai ao coração, é por aí que farei mais conversões sérias. Se credes útil, para certas pessoas, agir pelos fatos materiais, apresentai-os menos em circunstâncias tais que não possam dar lugar a nenhuma interpretação falsa e, sobretudo, não vos afasteis das condições normais desses fatos, porque os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos em lugar de convencê-los”

(Cap. V – segunda parte – item 98)

A mensagem de Erasto ao discípulo de Paulo que Kardec inseriu no capítulo V da segunda parte de *O livro dos médiuns* merece acuradas considerações. Pena que aqui, a fim de não fugirmos ao objetivo a que nos propomos, não possamos examinar-lhe mais do que o trecho que transcrevemos acima.

O tema das conversões sérias enseja-nos algumas reflexões. O espírita seja ou não médium atuante, não deve preocupar-se com a adesão de “pessoas importantes” ao Espiritismo, tratando-as com uma deferência que não dedicam às pessoas de menor projeção social; não deve fazer a essas pessoas de destaque concessões que habitualmente não faz aos mais simples...

Numa reunião espírita todos os participantes devem merecer o mesmo tratamento e ter as mesmas oportunidades de acesso a essa ou àquela atividade.

Outrora, as portas de quase todos os templos religiosos escancaravam-se para receber os que pudessem doar mais, concedendo-lhes privilégios e títulos honoríficos. Sabemos, infelizmente, no que isto veio a dar. Muitos “santos” canonizados pela igreja compraram a peso de outro a aureola de santidade que ostentaram na Terra, nos altares de pedra.

O princípio de autoridade deve ser respeitado, não respeito não é bajulação e servilismo.

É preciso que todos compreendam que o Espiritismo é doutrina séria que se interessa por adeptos sérios, que queiram ser

respeitados pelos seus dotes morais e não pela posição que transitoriamente ocupam.

Meditemos no exemplo do Cristo espalhando a Boa nova entre os pescadores, os marginalizados e as prostitutas que, segundo ele, haveria de preceder muita 'gente boa' no Reino dos Céus...

Foi com dos chamados "pobres de espírito" que Jesus triunfou com o Evangelho. Só pouco a pouco, as inteligências mais cultas, como Gamaliel e Paulo de Tarso, foram se rendendo á evidência. Os que testemunharam a fé cristã nos circos romanos eram as gentes simples do povo... Os maiores discípulos do Cristianismo saíam do mais completo anonimato.

Quando o Espiritismo surgiu na França, foram os operários os que primeiro tiveram a sensibilidade de abraçá-lo. Os principais médiuns que assessoram Kardec na obra gigantesca da codificação eram procedentes de famílias humildes.

"Falai ao coração...", concita-nos Erasto. O sofrimento tem sido o maior instrumento de conversão dos homens à Doutrina, porque em sua feição consoladora, somente ela satisfaz ao mesmo tempo os anseios do coração e as exigências da razão.

Embora possa haver boa intenção, é inútil que os companheiros de ideal queiram "ganhar" adeptos importantes, conduzindo-os a reuniões especiais com o intuito de convencê-los; essas reuniões especiais "arranjadas", não raro, acabam funcionando de forma negativa, porque no desejo de mostrar "serviço" os médiuns perdem a espontaneidade tão necessária à produção de fenômenos sérios.

Outra coisa: as pessoas, embora estimem ser tratadas à altura da dignidade dos títulos e posições que ocupam, possuem um sentimento de justiça que lhes é inato e não aprovam que os outros sejam preteridos por sua causa...

Só se converte realmente quem se transforma e só transforma quem verdadeiramente foi "tocado" no íntimo, aceitando, de iniciativa própria o Cristo no coração.

**Ainda em sua mensagem, afirma Erasto:
"Quanto aos incrédulos, e aos sábios piores que os incrédulos, não vou procurar convencê-los, não me ocupo deles; serão, um dia, convencidos pela força da evidência...."**

Que os médiuns se acautelem, portanto, dando de graça a todos, em parcelas iguais, o que todos de graça, em iguais parcelas, têm recebido de Deus.

XI - CONVERSÇÕES TELEPÁTICAS

“11- Aquele a quem o espírito aparece, pode iniciar uma conversação com ele?”

Perfeitamente, e é mesmo o que se deve fazer em semelhantes casos, perguntando ao espírito quem, o que deseja, e o que se pode fazer para ser-lhe útil. Se o espírito é sofredor e infeliz, a comiseração que se lhe testemunha o alivia; se é um espírito benévolo, pode vir com a intenção de dar bons conselhos.

(Cap. VI - item - 100).

Nem sempre os espíritos conseguem aparecer de forma tangível aos olhos dos homens. Este tipo de aparição é mesmo muito raro e, para acontecer, necessita de certas condições difíceis de reunir. Provocar uma aparição e sustentá-la por alguns minutos não é fácil; caso contrário, contam-se aos milhares espíritos que desejariam se mostrar aos encarnados, buscando despertá-los para as realidades da vida de Além-túmulo.

Seria mesmo um verdadeiro caos se os espíritos pudessem aparecer aos homens à sua vontade; ao invés de um intercâmbio, teríamos uma “guerra” entre os dois mundos...

Entretanto, se os desencarnados não conseguem tangibilizar-se diante dos homens com a freqüência desejada, nada os impede de, mentalmente, influenciá-los de forma constante; se não logram aparecer com sua forma delineada, a ponto de serem identificados por seus traços característicos, podem entabular longas conversações telepáticas com as pessoas, revelando quem são, como são e quais as suas intenções.

Para que o fenômeno dos diálogos telepáticos entre encarnados e desencarnados aconteça, alguns pontos devem ser observados. Em primeiro lugar é preciso que haja uma sintonia alicerçada na confiança. Basta que a pessoa creia ser vítima de uma alucinação para que a conversação mental seja interrompida.

Como devemos desenvolver o costume de “escutar” os próprios pensamentos, e para tanto, o *silêncio interior* se torne indispensável, podemos e devemos, sem disso fazer um hábito pernicioso para nós e para os outros, tentar “ouvir” os espíritos que, domiciliados nas diferentes dimensões da vida, procure entrar em contato conosco.

A tentação, a que o Cristo se referiu, nada mais é do que um assédio de pensamentos infelizes, nos ataques que nos são desferidos pelos nossos desafetos em nossas próprias fraquezas.

Por que, em contrapartida, se assim podemos nos expressar, não podemos sofrer a “tentação do bem”, ou seja, a influência salutar das idéias de quantos se interessam pelo nosso progresso espiritual?

Os espíritos “conversam” com os homens muito mais do que se crê. É indispensável que as pessoas se tornem conscientes disso, a fim de que não se transformem tanto em joguetes da influência espiritual que, por estratégia, deseja manter-se no anonimato...

Para se “ouvir” os espíritos com proveito, o momento da *oração* é, sem dúvida, o mais indicado, pois a prece sincera atrai a presença dos que se interessam mais particularmente pela felicidade daqueles que assistem.

Além da *sintonia alicerçada na confiança* e da *oração*, o que deseja entabular diálogos com o Mundo Invisível carece de possuir *discernimento* a fim de separar o joio do trigo... como nos adverte João em sua primeira epístola: “Meus bem-amados, não acrediteis em todos os espíritos, mas experimentai se os espíritos são de Deus...” Também na Erraticidade existem muitos lobos em peles de ovelhas.

Tudo precisa ser submetido ao crivo da razão, porque os espíritos engenhosos na arte de enganar podem inclusive, transfigurar-se nas pessoas que amamos. Escrevendo aos Coríntios, em sua 2ª epístola Paulo fala com clareza que: “o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.

Num quinto procedimento, aconselharíamos aos interessados nas conversações mentais com o Além, a *vigilância*. Ante a aparição telepática de um espírito, os médiuns não devem ainda desconsiderar a vibração de que esse mesmo espírito seja portador; porque, se pode ocultar seus reais propósitos, ninguém

consegue transmitir paz carregando ódio no coração... A *vibração* de um espírito amigo é sempre agradável e proporciona segurança, ao passo que a emitida por um espírito mal intencionado é das mais pesadas e desconfortantes.

XII – PSICOFONIA E TRANSGIFURAÇÃO

Uma jovem de uns quinze anos desfrutava de singular faculdade de se transfigurar, quer, dizer, tomar, em certos momentos dados, todas as aparências de certas pessoas mortas (...)

(Cap. VII – segunda parte – item 122)

De todas as faculdades medianímicas, a que mais se presta ao fenômeno da transfiguração é sem dúvida, a de psicofonia ou incorporação. Não estamos nos referindo à transfiguração anímica, qual a que ocorreu com o próprio Cristo no monte Tabor. Referimo-nos à verdadeira metamorfose por qual passa o corpo do médium quando mergulhado em transe profundo.

A faculdade de transfiguração, entretanto, é rara; rara porque há necessidade que o espírito como que “domine” o medianeiro, sobrepondo-se ao seu corpo espiritual ou, então, quase que num processo de hipnose, o induza a assumir a sua própria forma. Não é fácil traduzir isso em palavras.

A *licantropia* não pode ser considerada uma transfiguração mediúnica genuína. Os espíritos quando assumem por uma ação da própria vontade, ou da vontade de terceiros, estão sobre um processo de sugestão anímica, não importa que seja uma forma sublime, a de uma estrela por exemplo, ou de ordem inferior...

Quando em êxtase, na prece, inúmeros místicos transfiguram-se, tornando suas faces resplandecentes...

Mas transfiguração mediúnica propriamente dita, com alteração de timbre da voz do medianeiro, gestos, fisionomia, e, às vezes, até do volume e tamanho do corpo, é, de fato, um fenômeno impressionante e raramente observável.

No exemplo da jovem referido por Kardec, ele acrescenta que um médico “teve a idéia de pesar a moça no seu estado normal, depois no seu estado de transfiguração, quando tinha a aparência de seu irmão de vinte e poucos anos de idade, que era maior e mais forte. Pois bem! Ele constatou que nesse último estado o peso era quase o dobro”.

A transfiguração mediúnica pode ser total ou parcial, dependendo da maleabilidade do médium e a força de indução hipnótica do espírito manifestante.

Com a preocupação de não nos perdermos nos detalhes e sem a pretensão de esgotarmos o assunto, dizemos ainda que, em alguns casos, o fenômeno de transfiguração está associado ao de materialização. Expliquemo-nos. O espírito, principalmente sobre a face do médium, pode opor uma “mascara ectoplásmica” que lhe retrate o próprio rosto e, sobre o órgão fonador do medianeiro, pode construir uma garganta ectoplásmica que lhe permite comunicar-se quase que por voz direta.

Os médiuns psicofônicos não deve se preocupar com o fenômeno da transfiguração mediúnica; ela não é indício de faculdade mais desenvolvida, tanto é assim que encontramos nos processos obsessivos de longo curso, quando a vontade dos obsidiados encontra-se completamente á mercê da vontade dos obsessores.

A transfiguração mediúnica deve ocorrer naturalmente, e ocorre quando tem uma razão de ser que ocorra.

A mudança de timbre de voz numa comunicação é até um fato corriqueiro, embora, a rigor, isto não tenha uma importância maior do que a mensagem em si; é como a mudança de caligrafia numa comunicação escrita que não deve significar mais que o seu conteúdo, porque é através do seu pensamento que identificamos a natureza do espírito comunicante.

Timbres de voz e tipos de letras podem ser imitados, mas o plágio das idéias e, sobretudo, de emoções é muito difícil.

Transfigurar as próprias almas para o bem para a verdade, eis o fenômeno sublime a que todos os medianeiros devem consagrar-se à luz do Evangelho, redivivo da Doutrina Espírita.

XIII – OS LUGARES ASSOMBRADOS

“10 Os lugares assombrados o são sempre por antigos habitantes dessas residências?”

Algumas vezes, mas nem sempre, porque se o antigo habitante é um espírito elevado, não se ligará mais a sua morada terrestre que a seu corpo. Os espíritos que assombram certos lugares, freqüentemente, não têm outro motivo que capricho, a menos que sejam para aí atraídos pela sua simpatia por certas pessoas.

(Cap. IX – Segunda parte – item 132)

Quase às portas do terceiro milênio, os chamados “lugares assombrados pelas almas penadas” ainda existem na Terra, demonstrando que apesar de todo avanço da inteligência, o primitivismo espiritual é ainda uma realidade incontestada, seja no mundo físico ou nos círculos espirituais imediatamente próximos a ele.

Espíritos aguilhoados pelo remorso, pelo desejo de vingança ou mentalmente presos às posses que foram estrangidos a deixar pela morte, permanecem, às vezes séculos, acorrentados às paixões das quais não conseguem se libertar.

Temendo seguir o caminho além do túmulo, muitos receosos de enfrentar a si mesmos, preferem permanecer na retaguarda, como aves que se recusam a deixar o próprio ninho...

Quando vêm os objetos que lhe pertencem passar a mãos estranhas, e quando assistem, contrafeitos, à demolição de suas antigas propriedades, procuram intervir manejando os recursos de que possam dispor... Atiram pedras, provocam estranhos ruídos, arrastam correntes, fazem levitar objetos, chamam pelo nome das pessoas, ateam fogos às roupas e móveis, choram, ascendem e apagam luzes de forma intermitente...

Quando essa avalanche de fenômenos físicos acontece num determinado lugar, qualquer fórmula de exorcismo é inoperante, por que os espíritos, em sua grande maioria, não se deixam influenciar por fórmulas e rituais. Dizemos em sua grande maioria,

porque, de fatos existem aqueles que também se conservam supersticiosos; daí o sucesso isolado de um ou outro caso de exorcismo, não desconsiderando, é claro, a autoridade moral do exorcista que, em última análise, é o que verdadeiramente exerce influência sobre os espíritos.

Normalmente, porém, com os fenômenos que provocam, os espíritos nada mais querem do que chamar a atenção sobre si... Se não se der ao caso maior importância do que merece, em breve tempo os fenômenos cessam por si só. Assim ignorados, os espíritos se retiram para outros lugares, mais predispostos a aceitar a própria condição de desencarnados e o amparo dos benfeitores que permanecem na expectativa de auxiliá-los.

Espíritos vagando dentro da casa, “sombras” que se percebem nos quartos de dormir, vultos que se aproximam do leito, não devem atemorizar ninguém. Quase sempre é um familiar desencarnado ou um amigo necessitado de paz e de oração, quando não seja portador de uma mensagem de esperança em dias melhores.

Não há necessidade de que se encomende nenhum “trabalho” especial para afastar os espíritos, cuja presença esteja causando algum transtorno, seja no apartamento de uma grande cidade ou no interior... Não há neste sentido, o que a prece sincera não possa fazer, além de tranquilizar e fortalecer quem a profere, e de sensibilizar o espírito por quem se ora, atraindo a presença dos benfeitores espirituais que se encarregam de solucionar o problema.

Pode ser também que o fenômeno esteja como diz Kardec, sendo provocado por espíritos simpáticos às pessoas envolvidos, desejosos de encaminhá-las à fé, de alertá-las na iminência de um perigo ou de adverti-las por um erro cometido.

Enfim, não se deve temer os espíritos mais do que se teme os homens. Por mais se esforcem, a ação dos espíritos sobre a matéria é sempre limitada. Os obsessores mais implacáveis procuram o domínio mental de suas vítimas, agindo de forma sub-reptícia, e não consideram boa tática à colimação de seus infelizes propósitos revelarem a sua presença por fenômenos que despertam a atenção.

XIV – MÉDIUNS SEM QUE O SAIBAM

“Os médiuns involuntários ou naturais são aqueles cuja influência se exerce com o seu desconhecimento. Não tem nenhuma consciência do seu poder e, freqüentemente, o que se passa de anormal ao seu redor não lhes parece em nada extraordinário (...)”

(Cap. XIV – Segunda parte – item 161).

Desde tempos imemoriais o intercâmbio entre os dois planos da vida é uma realidade.

Os homens primitivos desencarnados não conseguem se ausentar das cavernas em que viviam à espera de uma nova oportunidade de serem reconduzidos ao corpo físico. Na base de todas as civilizações vamos encontrar a presença do mediunismo. Os indígenas hoje ainda crêem na influência dos espíritos; trazidos para o Brasil em regime de cativo, os africanos nos legaram um patrimônio místico extraordinário nas diversas ramificações de suas crenças espirituais.

Os persas afirmavam que os espíritos habitavam em florestas e montanhas; os Hindus possuem um panteão de milhares de milhares de deuses representando as forças da natureza; os egípcios com suas doutrinas iniciáticas, intercambiavam com os mortos no silêncio dos templos e das montanhas; na Grécia, Tales de Mileto ensinava que todas as coisas estavam repletas de “deuses”...

Nenhum homem sobre a face da Terra vive isolado do mundo espiritual, creia ou não creia na sobrevivência da alma após a morte.

De certa forma, todos, encarnados e desencarnados somos interexistentes, de vez que a faculdade relacional da mediunidade nos predispõe ao contato consciente ou inconsciente, com as diferentes dimensões da vida.

Influenciamos e somos influenciados

Os dois mundos, por assim dizer, se interpenetram sem, no entanto se tocarem. Interagindo mutuamente, o progresso de uma está obrigatoriamente vinculado ao do outro.

Em vão o homem tenta ilhar-se psiquicamente ante o invisível. A fronteira que separa os dois mundos na verdade não existe!

Todos os homens são, portanto, médiuns. A diferença é que uns sabem disso e o admitem e outros relutam em aceitar a realidade histórica dos fatos, certamente querendo se eximir de responsabilidades maiores.

Os que são médiuns sem saber que o são acabam por se transformar em instrumentos cegos do mundo espiritual; tanto servem aos seus propósitos mais nobres quanto aos menos dignos...

Atraindo, naturalmente, os espíritos com os quais se afinizam, tanto cooperam no bem da humanidade, quanto a exemplo de Átila ou um Hitler, servem às falanges espirituais que se opõe à paz que o Cristo trouxe ao mundo.

Quantos crimes, na atualidade, estarrecem a opinião pública?! Quantos homens, até então pacíficos, transformam-se de repente em criminosos? Quantos dizendo agir em nome de Satanás, saem atirando a esmo na multidão, como se tomado por estranho acesso de loucura?

O conhecimento da mediunidade é, sem dúvida, um preventivo eficaz da obsessão.

A partir do momento que admite a influência perniciosa do mundo espiritual, o homem já começa a criar obstáculos mentais à sua livre atuação, resistindo ao assédio das tentações; deixando de ser um joguete nas mãos dos espíritos inescrupulosos e, conseqüentemente, procurar sintonia com os de ordem mais elevada...

Os que são *médiuns sem saber* que o são, envolvidos pelos espíritos infelizes em suas crises de cólera, cometem os mais absurdos desatinos, chegando a chocar a opinião pública, que fica sem explicação para o funesto acontecimento que protagonizaram. E a facilidade com que esses companheiros da mediunidade involuntária se deixam dominar é espantosa; se procurassem

educar a força medianímica de que são portadores, realizariam prodígios em prol da coletividade...

Assim como a Terra é a médium da semente na reprodução do fruto e assim como o fogo é o médium da argila na reprodução da porcelana, todos os homens e todos os espíritos são médiuns entre si, comunicando-se uns com os outros de forma ininterrupta.

Querer ignora o fenômeno da inspiração que envolve os homens, inclinando-os ao bem ou ao mal, é o mesmo que ignorar a brisa que chega de manso, das campinas ou o vendaval que sopra de rijo, provocando destruição por onde passa.

Conscientizar que são médiuns sem o saber que são é uma das finalidades precípuas do espiritismo; cumpra ele esta sublime tarefa e já terá dito ao que veio sobre a Terra.

XV – MÉDIUNS FACULTATIVOS

“(...) é preciso fazer o sujeito passar de médium natural para o de médium facultativo. (...) Para esse efeito, em lugar de entravar os fenômenos, o que se consegue raramente e o que não é sempre sem perigo, é preciso excitar os médiuns a produzi-los à sua vontade, impondo-se sobre o espírito.

(Cap. XIV – Segunda parte – item – 162).

Feliz quem abraça a mediunidade de forma consciente e responsável, consagrando-se ao seu ministério com devotamento e sinceridade!

Para os que a ela se dedicam com amor, a mediunidade é uma abençoada oportunidade de ascensão espiritual, resgatando débitos do pretérito e aprofundando-se no conhecimento superior da vida.

Os médiuns, por maiores sejam os obstáculos que enfrentem, não devem em hipótese alguma e sob nenhum pretexto considerar penoso ou sacrificial o exercício da mediunidade.

Para os medianeiros o momento do intercâmbio com o invisível, seja no contacto com os espíritos amigos ou no serviço de enfermagem espiritual junto aos espíritos sofredores, deve ser de alegria, procurando valorizar cada minuto que lhes seja possível permutar experiências.

Outros companheiros de mediunidade não se dedicam a nenhum outro tipo de tarefa nos grupos espíritas a que se vinculam, permanecendo indiferentes às demais atividades da casa; aparecem uma vez por semana, na hora da reunião mediúnica, e depois se ausentam... Longe de criticá-los, estes irmãos foram, digamos “abraçados” pela mediunidade, mas ainda não se decidiram abraçá-la”... Para eles, o centro espírita é apenas uma espécie de hospital, onde semanalmente, às vezes a contragosto, vão receber tratamento...

Esses medianeiros, com os quais o mundo espiritual não pode contar como necessário, lamentarão mais tarde o tempo que furtaram a si mesmos, deixando de multiplicar os talentos que lhes forma confiados.

O aperfeiçoamento da mediunidade exige perseverança, interesse, disciplina, amor e paciência. Muitos médiuns querem começar do ponto onde muitos estão, digamos “terminando”... Afoitos, ignoram que o tempo é indispensável ao êxito de qualquer empreendimento, mormente para os de ordem espiritual. Os espíritos benfeitores secundam os esforços sérios e sabem identificar aqueles que têm apenas aparência de devotamento.

De quantos anos necessitará um músico para se tornar um exímio pianista? Quantas vezes deverá ensaiar um ator, decorando o texto, para obter uma performance num peça teatral? Quantos cursos fará um médico, a fim de que se especialize em determinada área, habilitando-se ao exercício?!

O grande equívoco dos médiuns é deixar o trabalho todo por conta dos espíritos! Raros são os medianeiros que procura “especializar-se” em seus dotes medianímicos naturais, buscando facilitar o trabalho que os espíritos desejam desenvolver por seu intermédio. Pela sua importância, trataremos deste assunto em capítulo à parte.

Contassem os espíritos benfeitores com a boa vontade dos médiuns e com um pouco mais do seu precioso tempo e, certamente conseguiriam produzir muito mais do que produzem, dando à Doutrina um impulso maior. Entretanto, por agora, nós, os espíritos bem intencionados, temos que sujeitar o nosso tempo ao tempo que os nossos irmãos médiuns podem nos dedicar; não estamos nos queixando – porque reconhecemos a necessidade de sobrevivência no apagar das luzes desse milênio, entretanto esta é a lamentável realidade. É justamente por isso que muitos espíritos de célebres literatos não escrevem para o mundo; falta-lhes a paciência necessária para encontrar e para “fazer” um médium, – processo que lhes parece moroso demais... Por “fazer” um médium, estamos nos referindo ao preparo que o espírito carece submeter e de submeter-se junto do médium, a fim de que realmente produza algo de proveitoso em termos de literatura.

Seja, portanto, qual for o tipo de mediunidade a que te consagres, abraça-a com respeito e carinho, agradecendo a Deus por te

encontrares trilhando esta estrada de luz, distante de tantos atalhos que te conduziriam a tenebrosos precipícios.

XVI – MÉDIUNS INSPIRADOS

“Toda pessoa que recebe, seja no estado normal ou de êxtase, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas idéias preconcebidas, pode ser incluído na categoria de médium inspirado (...)

(Cap. XV – Segunda parte – item 182).

A inspiração está, por assim dizer, na base de todo ato mediúnico de caráter intelectual.

O médium inspirado pode ou não ter consciência do fenômeno que se encontra intermediando.

A inspiração precede a intuição.

A intuição provoca um envolvimento mais profundo do que a inspiração; é como se fosse um lampejo súbito, uma idéia que brotasse de forma espontânea e inesperada.

A inspiração, segundo bem colocou Kardec, é um envolvimento suave, quando a “intervenção de uma potência oculta é ainda bem menos sensível, porque, nos inspirados, é ainda mais difícil distinguir o pensamento próprio do que é sugerido.

Os médiuns inspirados quase sempre são arrebatados por idéias e emoções que os sensibilizam de maneira singular; se são oradores, tomados por inflamada eloquência emocionam platéias imensas que se sentem tocadas pelo magnetismo do seu verbo...

Quase todo artista é um médium inspirado por excelência.

Os músicos que compõem e executam os seus instrumentos, os atores em cena no palco de um teatro, os pintores que retratam na tela os quadros que imaginam, os poetas e os cantores, os literatos que se viram, inesperadamente, iluminados por um “filão” de idéias inéditas nos temas a que se propõe desenvolver, os pesquisadores que no silêncio dos laboratórios, aparentemente ao “acaso”, descortinam novos caminhos à ciência; as mães e os pais que aconselham os filhos em determinadas atitudes que, incompreensíveis no momento, acabam por evitar-lhes sérias complicações; o amigo que toca num determinado assunto com

outro, sem suspeitar que, não raro, está sendo utilizado como instrumento para esclarecê-lo acerca de problemas que lhe são desconhecido... Todos os homens, enfim, podem ser inspirados nas atividades a que se consagram.

Os espíritos buscam aproximar-se daqueles que executam no mundo o trabalho que eles próprios executavam quando encarnados. Assim é que um cirurgião desencarnado, por exemplo, procurará quando lhe for permitido, aproximar-se de um outro e auxiliá-lo em sua tarefa na Terra, transmitindo-lhes os seus conhecimentos e adquirindo novas experiências.

A morte, ao contrário do que parece, amplia a solidariedade entre os homens, porque o que não se faz na condição de espírito encarnado, deve-se fazer na condição de desencarnado. Esta é a lei do progresso.

Kardec ainda recomenda em o *livro dos médiuns* que, diante de um impasse, devemos recorrer á inspiração de nossos protetores espirituais que, das diferentes dimensões da vida, nos acompanham os passos. As palavras inspiradas do codificador nos sugerem: “Que se o invoque, pois, com fervor e confiança, em caso de necessidade e com muita freqüência; ficar-se-á espantado com as idéias que surgirão como que por encantamento, seja que se tenha um partido a tomar, seja que se tenha uma coisa a compor. Se nenhuma idéia vier, é que é preciso esperar. (o grifo é nosso)

Deduzimos que de fato, a inspiração pode também ser provocada ou solicitada através da prece. A oração sincera nunca fica sem resposta. Como aconselha Kardec, se nenhuma idéia nos vem, precisamos esperar porque, não raro, os espíritos também necessitam de tempo para dar-nos determinadas respostas.

Que se evite, portanto, a precipitação, e que se tenha, sobretudo, certeza de que a inspiração que lhe está sendo dado pelos espíritos amigos, não por levianos que vivem á espreita de uma invigilância para se insinuarem de forma negativa.

Se alguma coisa te surja aparentemente do nada, submeta-a ao crivo da razão, observando se a sua concretização será para o bem de todos, e não apenas para o teu próprio. Ainda prevalecendo-nos da sublime inspiração de Kardec, “na dúvida, abstenha-te”: ou seja, não te afoites em colocá-la em prática. Deixa o tempo correr e, sempre no clima da oração, certifica-te de que a inspiração recebida provém das fontes do mais alto.

XVII – FLEXIBILIDADE MEDIÚNICA

“Ocorre o mesmo com respeito aos médiuns: com qualidades iguais na potência medianímica, o espírito dará preferência a um ou a outro, segundo o gênero de comunicações.

(Cap. XVI – Segunda parte – item- 185).

Existem médiuns que se angustiam porque, por exemplo, não conseguem ser médiuns de obras romanceadas; outros gostariam que não fosse assim, mas apenas obtém comunicações de caráter prolixo e sentido impreciso.

A chamada flexibilidade mediúnica está diretamente relacionada com o estilo do próprio medianeiro, com seu tipo de vocabulário, com sua tendência literária, enfim com sua formação cultural.

Embora os espíritos possam escrever poesia através de um médium que nunca compôs um verso, a lógica ensina que eles dão preferência a quem tenha facilidade neste campo.

Existem médiuns que desejariam ser interpretes das chamadas “cartas familiares de além túmulo”, entretanto não revelam qualquer predisposição íntima para tal procedimento.

Paulo de Tarso, em sua 1ª epístola aos Coríntios, já anteriormente citado por nós considerava que “os dons são diversos, mas o espírito é o mesmo.

(...) A manifestação do espírito é concedida a cada um, visando a um fim proveitoso.

Cada tipo de mediunidade cumpre com uma finalidade de suma importância no contexto geral do intercâmbio com o invisível.

Existem espíritos para todas as espécies de médiuns, e vice-versa.

Com o propósito de aperfeiçoar-se, a medicina do mundo, subdivide-se em *n* especialidades; nenhum médico é menos importante do que o outro para a saúde do paciente, porque todos os órgãos coexistem em equilíbrio. Tratar de uma infecção ocular é tão indispensável quando combater a hipertensão arterial.

Assim como, depois de formados, os médicos procuram aprofundar os seus estudos na especialização, os médiuns, uma vez identificado a sua “tendência mediúnica”, devem se concentrar sobre ela, buscando desenvolvê-la ao ponto que lhes seja possível.

Médiuns existem que serão excelentes “passistas”, mas talvez limitados oradores; outros talvez sejam bons oradores, mas deixarão a desejar como psicógrafos...

Neste capítulo, ainda carecemos considerar as importantes palavras de Kardec: “Fora das causas de aptidão, os espíritos se comunicam mais ou menos voluntariamente por tal ou qual intermediário, segundo suas simpatias; assim em condições iguais, o mesmo espírito será sempre mais explícito com certos médiuns, unicamente porque melhor lhes convém.”

Às vezes, sobre determinado assunto, o mesmo espírito, dependendo do seu grau de simpatia entre dois ou mais médiuns, pode expressar-se de maneira diferente, dizendo a um o que não confia a outro. Este é um aspecto de suma relevância no estudo da mediunidade.

Por exemplo, se entre nós eu e o médium de que me valho neste trabalho, não houvesse um clima de confiança recíproca, o bom senso me levaria a não abordar determinados temas porque, inclusive poderia a vir a prejudicá-lo, mas como percebo sua boa intenção em servir aos propósitos da Doutrina Espírita, escrevo sem maiores precauções. Isto pode vir a não ser sempre assim, porque os espíritos sérios – e tenho me esforçado para ser um deles, se afastam dos médiuns que perdem a seriedade.

Em meu caso específico, que sempre fui um afeccionado no estudo da mediunidade, encontrei neste companheiro o mesmo gosto pelo assunto, permitindo-nos desenvolver o tema em que buscamos nos “especializar”, embora nos reconheçamos meros aprendizes; e tanto é assim que temos constantemente aberto sob as nossas vistas o *livro dos médiuns* que consultamos em conjunto sempre que necessário...

Se nem todo medianeiro se presta a exercer todos os tipos de mediunidade, nem todos os espíritos se revelam aptos ao manejo de todas as espécies de mediunidade, porque entre nós, os desencarnados, também existe a “especialização”. Um espírito pintor, por exemplo, também carecerá de encontrar um médium com semelhante predisposição mediúnica.

Para o espírito, se assim podemos nos expressar, o médium ideal é sempre um “achado” que, enquanto pode, ele procura preservar em nome do Senhor.

XVIII – MÉDIUNS PROFÉTICOS

“Se há verdadeiros profetas, mais ainda há os falsos, que tomam os sonhos de sua imaginação por revelações, quando não são velhacos que, por ambição, se fazem passar por tais.

(Cap. XVI – Segunda parte – Item-190).

Como o tempo das mesas girantes, o tempo das profecias já passou na doutrina. No princípio, para impressionar, advertir e, sobretudo, para dar às pessoas a convicção sobre a realidade da vida espiritual, surgem como nos tempos apostólicos, médiuns que fazem predição acerca do futuro... Eram, em sua maioria, homens sem nenhuma instrução que viviam nas fazendas e nas pequenas cidades do interior. Quase sempre, desapareciam da mesma maneira que surgiam... Eram tidos por loucos e raros lhes prestavam ouvidos... anunciavam acontecimentos que, no geral, acabavam se concretizando; dirigiam-se a determinadas pessoas, falando-lhes de forma impressionante a respeito do futuro... Mediunizados, faziam recordar os profetas das páginas do antigo testamento, quando profetizavam a vinda do Messias como, por exemplo, podemos ler no capítulo 53 do livro de Isaías.

Afora os profetas bíblicos, sem dúvida um dos mais ilustres dos médiuns proféticos foi Michel Nostradamus. Arrebatados por suas visões apocalípticas, escreveu as suas célebres centúrias que vêm se cumprindo ao longo do tempo. Talvez a reencarnação de um dos profetas bíblicos, Nostradamus, como João no apocalipse, tenha sido inspirado pelas esferas superiores, sintonizando-se com os espíritos que possuem a presciência do futuro. A margem de acertos das profecias realizadas por ele é de fato, notável.

O médium profético, raro hoje em dia, porque o porvir da humanidade é evidente para os que raciocinam, é um médium facilmente manobrado pelos espíritos pseudo-sábios e levianos que, num delírio de grandeza espiritual, imaginam deter o conhecimento do futuro que, na realidade mal saberiam prever a própria sorte. É muito comum que esses médium queiram revelar as reencarnações futuras das pessoas, como se Deus tivesse lhes dado esse conhecimento.

Normalmente, o médium profético é um médium sem maiores esclarecimentos doutrinários porque, caso contrário, saberia que os espíritos superiores não se entregam a esse tipo de prática mediúnica com frequência que se pode observar no mundo.

Quase sempre, as ditas profecias, aparecem nas vésperas das grandes transformações pelas quais deve passar a humanidade. Neste ocaso de milênio, elas deverão de se multiplicar pela própria predisposição mental das pessoas na expectativa de que algo aconteça de extraordinário para que as coisas se modifiquem.

Qualquer mensagem de tom profético, seja ditado pelo espírito que for e venha através do médium de maior respeitabilidade possível, deve ser analisada criteriosamente, mesmo porque as profecias, como devemos constatar no livro de Jonas, não são infalíveis.

Os médiuns proféticos, agem por inspiração, por pressentimento, pela chamada dupla vista e por mais algumas espécies de manifestações medianímicas que se confundem umas com as outras, não nos sendo possível caracterizá-las com exatidão; podem, inclusive, agir através dos sonhos, como é o caso típico de D. João Bosco, que anteviu a capital do Brasil tornando-se realidade no Planalto Central...

De uma maneira geral, quando há necessidade e merecimento, a própria pessoa recebe revelações a respeito de como deve pautar a sua própria vida, tomando essa ou aquela decisão. Através do desdobramento espiritual, ou de uma forte intuição, a pessoa que procura encontra as orientações de que necessita, evitando futuros aborrecimentos.

Não há necessidade absoluta de que uma terceira pessoa, às vezes completamente estranha à sua vida, venha fazer-lhe advertências, penetrando na sua intimidade; destaquemos bem a colocação, necessidade absoluta porque, vez ou outra isto pode acontecer, mormente quando a pessoa não se encontra em condições ele mesma, de receptividade espiritual num 'recado' dessa envergadura.

Infelizmente, são muitos os que acreditam mais nos astros do que em si mesmos! Credo que o seu destino encontra-se irremediavelmente "escrito nas estrelas", rendem-se à fatalidade, esquecidos de que todo dia é dia de construir ou reconstruir a própria felicidade.

XIX – CALIGRAFIA DOS ESPÍRITOS

“A mudança de caligrafia não ocorre senão com os médiuns mecânicos e semi-mecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo espírito; não ocorre o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, tendo em vista que, nesse caso, o espírito atua unicamente sobre o pensamento (...)”

(Cap. XVII – Segunda parte – Item-219).

Na psicografia de um modo geral, a caligrafia dos espíritos misturam-se à do médium; seria exigir muito querer que além de expressar seus pensamentos numa mensagem escrita, o espírito o fizesse com a sua própria letra... As dificuldades materiais e intelectuais seriam enormes, para que tal acontecesse.

No médium puramente mecânico, o espírito comunicante consegue reproduzir sua caligrafia ou pelo menos, aproximar-se dela o mais possível; entretanto, escrevendo com a sua própria letra, o espírito não consegue produzir longos ditados...

O que acontece na maioria das páginas psicográficas é um ‘mistura de psiquismos’, ou seja: O espírito entra com o pensamento é o médium com a caligrafia que lhe é característica. Apenas em alguns raríssimos casos, no momento de assinar a mensagem o espírito procura fazê-lo de próprio ‘punho’, esforçando-se para dar aos destinatários uma prova de maior autenticidade.

Porque a letra seja do médium não significa que o comunicante não seja autêntico. Kardec ensina que no ato de identificação de uma página mediúnica, nem mesmo o nome que a assina é mais importante do que as idéias que as estruturam, porque, o nome pode ser o de um espírito, as idéias podem não o ser...

Em ordem decrescente de importância, diríamos que, na análise de uma mensagem de além túmulo, o que primeiro pode ser levado em conta é o *espírito da letra*, ou seja, os pensamentos e as emoções do comunicante; em segundo lugar, os detalhes e as informações fornecidas por ele, em terceiro, o nome com que se identifica, em quarto e último lugar a sua caligrafia e conseqüente assinatura.

Consideramos um outro fator. Sabemos que o médium é uma pessoa comum, susceptível de variadas influências de caráter emotivo. Pode ser que num dos comunicados que receba, o espírito encontre uma “situação” favorável para reproduzir, de forma idêntica ou semelhante, pela mão do médium, a sua assinatura. E, talvez, em diversos comunicados posteriores, ele não consiga, apesar dos seus esforços, reeditar a façanha.

Não sendo uma máquina, a “resposta” do mediano aos espíritos que dele se utilizam nem sempre é a mesma. De uma reunião para outra, o médium pode alterar-se emocionalmente, quem sabe pressionado por problemas desconhecidos dos circunstantes... Essa alteração emocional pode tanto abatê-lo quanto motivá-lo a uma maior entrega ao ato mediúnico.

Com o devido respeito, e não querendo gracejar, com um assunto tão sério, diria que prever a reação emocional de um médium em face de uma comunicação de que se constitua interprete, seja psicográfico ou psicofônico, é o mesmo que tentar uma previsão do tempo com cem por cento de acerto...

O próprio ambiente da reunião, um diálogo mantido instantes antes ou a abordagem de determinada pessoa, às vezes é mais do que suficiente para influenciá-lo. A simples crença de alguém no recinto pode alterar o comportamento do médium – não devia fazê-lo – mas, infelizmente esta é a realidade e não podemos ignorá-la, que nossos irmãos médiuns nos perdoem, mas é justamente isso o que não percebemos em nossos contatos.

A grande maioria dos médiuns psicógrafos é intuitiva ou consciente e, por isso, são eles, os médiuns psicógrafos que ‘revestem’ o pensamento dos espíritos com as suas palavras e caligrafia.

Que os médiuns bem intencionados, portanto, não se importem com as exigências que lhes façam os que desconhecem o mecanismo de intercâmbio mediúnico. Não se importem, inclusive, como os erros gramaticais que possam receber na recepção das mensagens de um consagrado escritor. O espírito utiliza o médium que tem à disposição e não o que desejaria; isto constitui-lhe uma prova de humildade, a fim de que não somente saiba falar com acerto, mas sobretudo viver com retidão.

XX – MEDIUNIDADE E PRIVILÉGIO

“14 Se é uma missão (a mediunidade), como ocorre que não seja privilégio do homem de bem, e que essa faculdade seja dada a pessoas que não merecem nenhuma estima e que dela podem abusar?”

Ela lhes é dada porque tem dela necessidade para sua própria melhoria e porque estejam em condições de receber bons esclarecimentos; se disso não se aproveitam sofrerão as conseqüências. Jesus não dava de preferência sua palavra aos pecadores dizendo que é preciso dar àquele que não tem?”

(Cap. XVII – Segunda parte – item- 220).

A lei Divina não concede privilégios a ninguém.

A mediunidade é uma conquista evolutiva acessível a todos e a tarefa mediúnica definida é um compromisso reencarnatório.

Perguntar por que Deus concede a mediunidade a quem dela não faz bom uso é o mesmo que perguntar por que igualmente concede inteligência, a visão, os órgãos da palavra...

Não há quem reencarne para fazer o mal; todos corporificam-se no mundo em busca do próprio aperfeiçoamento. O caminho que tomamos é opção pessoal.

A ninguém é negada a oportunidade de reajuste e ascensão espiritual, porque a Lei Divina prima pela imparcialidade.

Se existem médiuns que não utilizam de maneira conveniente os talentos que lhe foram confiados, arcarão com as conseqüências. Não nos disse o Cristo: “... Se tua mão, ou teu pé, te escandaliza, corta-o e lança-o fora de ti. Melhor te é entrar na vida manco ou aleijado, do que, tendo duas mãos ou dois pés ser lançado no inferno?” É isto que muitos médiuns, quando não tem a faculdade suspensa, acabam ser tornando vítimas da obsessão.

Atualmente, já reencarnaram na Terra medianeiros que não souberam dignificar a mediunidade em existências progressas...

São jovens, homens e mulheres com problemas psiquiátricos crônicos, com sucessivas internações em sanatórios, onde se põe a “incorporar” os espíritos que os assediam ou a preencher laudas e laudas de papel, acreditando-se missionários no campo da escrita mediúnica... Penaliza-nos ver a luta desses irmãos da mediunidade atormentada, lutando pela busca do reequilíbrio. Nos centros espíritas são eles os companheiros-problemas que se crêem investidos de um mandato de ordem superior, refratários às orientações que recebem.

Interpretando o tema sobre outro prisma, gostaríamos de considerar que o único privilégio concedido pela mediunidade é o serviço na seara do bem. Realmente neste sentido, os médiuns devem ser considerados “privilegiados” e valorizando a oportunidade de que dispõe, agarrando-se firmemente à bendita “enxada” que lhes permite cultivar a gleba da própria alma.

Entretanto, que os médiuns não se considerem credores, de uma “proteção espiritual” ou algo que o valha.

Toda a contribuição do bem sobre a Terra se levanta sobre o alicerce de muitas lágrimas!

Refletamos no quanto sofreram os pioneiros da mediunidade, aqueles que legaram aos espíritas o patrimônio de luz que herdaram nas bênçãos da Doutrina Espírita... Meditemos nas obras doutrinárias que nasceram em meio a grandes provações de seus idealizadores... Pensemos no resignado silêncio de quantos se sacrificaram pela terceira revelação, demarcando o Além de consciência tranqüila, mas de coração amargurado pelas decepções... E aqueles outros que semeando flores sobre os próprios passos, feriram-se nos espinhos, da ingratidão, calúnia, indiferença e intolerância.

Os mártires anônimos da mediunidade, em todo o mundo contam-se aos milhares... Confortados pelas vozes e visões da vida espiritual, seguiram, de cruz nos ombros, para o suplício, escalando o calvário redentor em que o Mestre nos precedeu.

No entanto ao lado de tanta renúncia, a mediunidade é também alegria.

O médium que cumpre com o seu dever experimenta um júbilo íntimo ao qual nada se compara.

Que o digam os que sabem do que estamos falando, os medianeiros que servem com simplicidade, que não reclama da rotina das reuniões, que não reivindicam atenção especial, que não se melindram, que amam a tarefa e honram o seu compromisso, que se entrega aos espíritos com confiança, que persevera com entusiasmo no aprimoramento de si mesmo...

Para quem a carrega com alegria, toda cruz torna-se mais leve e transfigura-se em asas, arrebatando ao infinito quem, assim a transporta!

XXI – MEDIUNIDADE E LOUCURA

“5 A mediunidade poderia produzir a loucura?”

Não mais do que todas as outras coisas, quando não há predisposição pela fraqueza do cérebro. A mediunidade não produzira a loucura quando o princípio não existe; mas, se o princípio existe, o que é fácil de se reconhecer pelo estado moral, o bom senso diz que é preciso usar de cautela sob todos os aspectos, porque toda causa de agitação pode ser nociva.

(Cap. XVIII – Segunda parte – item -221)

A mediunidade bem conduzida é fator de equilíbrio, e não de loucura.

Até hoje, os detratores da Doutrina insistem na tese de que o contato com os espíritos é causa de desequilíbrio. Esta “lenda” nasceu, porque os médiuns, considerados então loucos, foram para os centros espíritas, e combatendo a causa de sua suposta loucura, se curaram... Quase todos os medianeiros a serviço do Espiritismo encontraram nele o seu ponto de equilíbrio espiritual.

Se se fosse realizar uma estatística honesta nos hospitais psiquiátricos, verificar-se-ia, sem maiores entraves, que os chamados perturbados mentais são originários de outras crenças religiosas, e não das fileiras espíritas.

A doutrina espírita já foi acusada de induzir seus adeptos ao suicídio, de incentivar o fanatismo, de provocar alienação em seus profíctes... No entanto, apesar de todas as injustiças que padece, ela prossegue espalhando inúmeros benefícios, indiferentes às acusações que, por preconceito, lhe foram desferidas.

Foi o Espiritismo que diagnosticou e apontou o tratamento da obsessão.

Como esclarece Kardec, se algum companheiro se perturba no exercício da mediunidade ou comete algum desatino na condição de espírita, é porque o seu *carma* falou mais alto.

De fato, alguns irmãos existem que devem ser, ao contrário dos outros, desestimulados ao exercício da mediunidade. Frágeis psicologicamente, devem se limitar às atividades doutrinárias comuns e às assistenciais. É como alguém que não se encontra, por exemplo, apto emocionalmente para o exercício da profissão de médico.

Com muito carinho e caridade, esses irmãos a que nos referimos, a fim de que não se sintam marginalizados, carecem de serem orientados para outras atividades compatíveis com suas atuais condições reencarnatórias. Vejamos como é grave a responsabilidade dos que se colocam à frente dos grupos espíritas, com o dever de orientá-los.

São irresponsáveis os que, indiscriminadamente aconselham o desenvolvimento mediúnico para quantos os procura com suas queixas características.

É indispensável que os centros espíritas ampliem suas atividades sociais, é através do trabalho no bem, que o concurso valioso do tempo, que as forças psíquicas em desajuste se reorganizam. De múltiplos trabalhos mediúnicos, devem-se criar diversas frentes de serviço assistencial, bem como reuniões de estudos doutrinários, para ‘agasalhar’ a verdadeira multidão que vêm batendo às portas de nossas instituições com problemas de ordem psíquica.

O contato com os mais carentes, a renovação das idéias nos diálogos em grupo, a ocupação útil, seja ela diária ou semanal, ao lado da alegria que a caridade proporciona, produz melhores resultados do que alguém, de braços cruzados, assentar-se ao redor de uma mesa mediúnica à espera de manifestações mediúnicas por seu intermédio. É lógico que não podemos generalizar, porque alguns companheiros de fato, carecem de ser conduzidos, quase que de forma imediata à prática mediúnica.

A mediunidade em si, não é, portanto, um estado de morbidez mental; se o é, semelhante loucura vem se alastrando de forma espantosa sobre todo o mundo... Sim, porque não apenas os espíritas são médiuns... Em todos os países, muitos dos quais a doutrina espírita sequer ainda é conhecida, surgem sensitivos no intercâmbio como o mundo espiritual. A própria igreja, antes tão conservadora e preconceituosa, ultimamente vem admitindo o que denomina de “dom carismático” entre seus seguidores, numa tentativa quem sabe, de reconquistar os adeptos que perderam para outras religiões...

Iluminadas pelo Evangelho, a Doutrina Espírita, em retornando ao movimento Cristão dos três primeiros séculos, segue os preceitos do Cristo que recomendou aos apóstolos: “Restitui a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai leprosos, expulsai demônios. Daí gratuitamente o de que haveis recebido gratuitamente.

XXII – PERSONALISMO

“11 Quais são as condições necessárias para que a palavra dos espíritos superiores nos chegue pura e sem alteração?”

Querer o bem; enxotar o egoísmo e o orgulho; são coisas necessárias.

(Cap. XX – segunda parte – item – 226).

Sem dúvida, o personalismo é um dos principais entraves ao salutar exercício da mediunidade.

Quando o médium se deixa incensar, crendo ser o que não é, o “espelho mediúnico” começa a tornar-se opaco, prejudicando sensivelmente a recepção da mensagem que deve refletir com toda a claridade possível.

É muito comum, infelizmente, o que, a contragosto denominamos “vedetismo mediúnico”.

O médium carece o tempo todo de estar consciente de suas limitações; sabendo-se limitado ele poderá superar-se, ao passo que convencido acerca de suas habilidades ele acabará por prejudicar-se, expondo-se a vexames e sujeitando a doutrina a críticas.

Excelentes médiuns – excelentes, do ponto de vista da faculdade mediúnica em si – terminaram por chafurdar-se no atoleiro da vaidade, afastando-se da proteção dos bons espíritos; tornando-se improdutivos, frustrando a expectativa do Mundo espiritual de um trabalho sério em benefício da humanidade.

Às vezes indaga-se como é possível a um medianeiro que se debate com tantas complicações produzir algo de valor de maneira regular... Respondemos que é justamente por isso: o médium que fazia resignadamente as suas provas, embora aparentemente sem paz dentro da luta em que vive, se permanece fiel ao dever mediúnico que lhe compete, conta, de forma incondicional, com o respaldo dos benfeitores espirituais.

Por incrível que pareça, os médiuns que mais padecem e se empenham na batalha da própria renovação são os que se encontram sempre em melhores condições de sintonia com os planos mais altos.

Não importa o que o médium aparente por fora; é indispensável o como ele esteja por dentro...

Se ele querer o bem, se sua intenção é boa isto basta para garantir-lhe o equilíbrio na tarefa. Os benfeitores espirituais são compreensivos e sabem passar “por cima” de nossas faltas quando nos vêem sinceramente empenhados no serviço de auxílio ao semelhante.

Os bons espíritos não estão à cata de anjos humanos para lhes servirem na condição de interpretes juntos dos homens; procuram tão somente “instrumentos” dispostos a cooperar na concretização do bem, embora conscientes da distância que os separa do bem insuperável.

Médiuns que falam muito de si mesmos, comentando o que obtém dos espíritos nas mensagens que recebe, que não sabe fazer o necessário silêncio nem guardar discrição em torno do trabalho que desenvolvem, que provocam elogios a seu respeito, que revelam uma falsa modéstia, que se deixam presentear com freqüência, que criticam os outros companheiros de mediunidade, que não aceitam observações construtivas sobre as atividades que desempenham e que, sobretudo, se acreditam missionários, são irmãos em que o personalismo se encontra agindo, como erva daninha que, pouco a pouco se espalha pelo campo, comprometendo as mais promissoras colheitas.

Que o médium, pois, não se iluda a seu próprio respeito e combata sem tréguas a vaidade pessoal se, efetivamente, desejar alcançar significativa vitória na presente encarnação.

O personalismo predispõe ao melindre e o melindre, como nos ensina “O Evangelho Segundo o Espiritismo” é filho do orgulho...

Allan Kardec escreveu que “o orgulho perdeu numerosos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, sem isso, teriam podido ser sujeitos notáveis e muito úteis; ao passo que, transformado em presa dos espíritos mentirosos, suas faculdades foram primeiro pervertidas, depois aniquiladas, mais de um se viu humilhado pelas mais amargas decepções.”

Com grande facilidade, como se estivesse auscultando os escaninhos mais íntimos da alma humana, acrescentou o codificador no mesmo capítulo em questão de “O Livro dos médiuns” “O orgulho se traduz nos médiuns por sinais inequívocos (...) Primeiro é a confiança cega na superioridade dessas mesmas comunicações e na infalibilidade dos espíritos que lhas dá; *daí um certo desdém de tudo que não vêm deles porque se crêem o privilégio da verdade*”. (o grifo é nosso).

XXIII – MÉDIUNS E OBSESSÃO

“4º. Confiança do médium nos elogios que lhes dão os espíritos que se comunicam por ele.”

(Cap.XXIII – Segunda parte – Item- 243: “Reconhece-se a obsessão pelos caracteres seguintes:”).

Entre as diversas passagens evangélicas, existe duas em “Atos dos apóstolos” sobre as quais de quando em vez, deveríamos meditar, vacinando-nos contra os assédios das idéias obsessivas no que tange aos nossos próprios valores diante da vida.

A primeira está inserida no capítulo X, versículo 25 e 26, quando Pedro encontra-se com Cornélio em Cesaréia: “Aconteceu que, indo Pedro a entrar, lhe saiu Cornélio ao encontro e, prostrando-se-lhe aos pés, o adorou.

Mas Pedro o levantou, dizendo: *Ergue-te que eu também sou homem.*

A segunda passagem referida envolve Paulo e Barnabé, na cidade de Listra, conforme pode-se ler no capítulo XIV versículos 11 e seguintes: “Quando as multidões viram o que Paulo fizera, gritaram em língua Lacaônica, dizendo: “Os deuses em forma de homens baixaram até nós.

O sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente a cidade trazendo para junto das portas touros e grinaldas, queria sacrificar junto das multidões.

Porém, ouvindo isto, *os apóstolos barnabé e Paulo rasgando as suas vestes*, saltaram para o meio da multidão, clamando:

“Senhores, por que fazeis isto? *Nos também somos homens, sujeitos aos mesmos sentimentos (...)*”

Assim como um processo obsessivo pode terminar com o exercício consciente da mediunidade, a mediunidade exercida de forma irresponsável pode desencadear um processo obsessivo de longo curso.

No capítulo precedente, quando examinamos a questão do personalismo, deixamos implícito o alerta aos companheiros da mediunidade que não exerce sobre si mesmos a vigilância necessária.

Vejamos que a luta contra a idolatria humana vem desde tempos apostólicos. Pedro, Paulo e Barnabé não se cansam de declarar suas limitações, impedindo que fossem confundidos com os “deuses”... Infelizmente, muitos medianeiros que estimam o elogio fácil, tornam-se presas de obsessão, “adoecendo” as faculdades medianímicas de que são portadores. Não raro passam a acreditar que são superiores, inclusive aos benfeitores espirituais que se comunicam por seu intermédio...

Quando tal ocorre, as advertências do Mundo Espiritual lhes são endereçadas de forma constante; Entretanto eles quase nunca as tomam para si e chegam-se a se aborrecerem, com os companheiros médiuns que são utilizados para semelhante mister.

Numa outra passagem evangélica, Jesus recomenda aos apóstolos que se considerem servos imperfeitos, porque, cumprindo o dever, nada mais fizeram do que lhes competia fazer...

O médium e o espírita de maneira geral, é um pessoa como as demais; o que o diferencia, é a sua maior responsabilidade pelos conhecimentos adquiridos e conseqüentemente pela sua maior obrigação de servir.

É indispensável que, imitando Paulo e Barnabé, os médiuns ‘rasguem as vestes’ do personalismo e da vaidade, impedindo que se crie deles uma falsa imagem...

Difícilmente na Terra, o médium seja ele qual for, escapará ao assédio das tentações... Paulo confessava trazer “um espinho” cravado na carne por constante advertência; a fim de que nada se vangloriasse... Mas sofrer o assédio das tentações é uma coisa, ceder é outra.

Escrevendo aos habitantes de Corinto, Paulo acentua no capítulo IX versículo XXII, de sua primeira epistola: Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia! E como que complementando o seu

pensamento, vejamos a palavra do apóstolo em sua segunda carta aos Coríntios no capítulo XII, v.10: “Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor ao Cristo *Porque quando sou fraco, então é que sou forte.*” (os grifos são nossos).

Longe da idéia de masoquismo, Paulo sabia que é a humildade que confere ao homem a verdadeira grandeza e que a consciência de suas fraquezas e o que o eleva acima de si mesmos.

XXIV – FALSÁRIOS DO ALÉM

“Pode-se também, colocar-se entre as provas de identidade a semelhança da escrita e da assinatura, mas, além de que não é dado a todos os médiuns obterem esses resultados, ele não é sempre uma garantia suficiente; há falsários no mundo dos espíritos como há neste; isso é, pois, apenas uma presunção de identidade que não adquire valor senão pelas circunstâncias que a acompanham.

(Cap. XXIV – Segunda parte – item – 260)

Nas circunvizinhanças espirituais da Terra, enxameiam espíritos desocupados, aqueles que vadiam levemente como se o mundo fosse para eles, mesmo depois de “mortos”, uma imensa “estação rodoviária”... São espíritos envolvidos pelas paixões materiais, inescrupulosos, desonestos, que se corrompem a troco de favores vis.

Esses espíritos freqüentam os bares terrestres, casas de jogos, as esquinas das ruas movimentadas, as encruzilhadas nas periferias das cidades, as construções em ruínas, os apartamentos onde são produzidas as chamadas “festas de embalo”, os estabelecimentos bancários a que tem livre acesso e até mesmo os templos de fé mal orientados.

Esses infelizes companheiros da erraticidade aproveitam-se da invigilância das pessoas e dos médiuns imiscuindo-se nos seus assuntos de forma leviana e irresponsável. Podem perfeitamente aproximar-se de um mediano e, se estão por dentro de um assunto de determinada família, faz-se passar por um espírito familiar... Às vezes agem assim por falta de uma ocupação séria, mas, na maioria das vezes, planejam o que pretendem com antecedência e, como adverte Kardec, podem chegar ao cúmulo de imitar a caligrafia, a assinatura, ou o timbre de voz de um outro espírito. São os falsários do Além”, os que se especializaram na Terra em ludibriar as pessoas...

Não acreditemos que o mundo espiritual próximo, seja povoado apenas de espíritos esclarecidos; ao contrário, a sua grande maioria é constituída por infelizes companheiros desencarnados, que prosseguem cultivando os seus antigos hábitos.

A morte não modifica ninguém de um instante para o outro.

Por aqui, existem contrabandistas operando nas regiões espirituais inferiores, policiais que prosseguem em seu encalço, autoridades que se movimentam para sanear regiões ocupadas por grupos que se acautelam, constituindo-se em constante ameaça para as comunidades do mundo invisível e do mundo físico.

No capítulo em que estudamos a caligrafia dos espíritos, dissemos e aqui reafirmamos: A maior garantia de autenticidade de um comunicado mediúnico é o seu conteúdo moral, a somatória de lições que são transmitidas e que os seus destinatários “sentem” ao recebê-las, embora não saibam traduzir em palavras essa sensação...

Quando um espírito entra, através de um médium em contato com familiares e amigos que permanecem na Terra, normalmente transmite na mensagem uma emoção que envolve na certeza de que é ele mesmo o comunicante.

Quando uma mensagem é remetida, por um espírito aos seus familiares e estes dizem: “ela não tem nada a ver com o fulano”, não sendo “tocadas” em seu íntimo pelas palavras transmitidas, convém que a referida mensagem seja reavaliada, mesmo quando traga a assinatura do referido espírito em sua própria letra. É preciso que se leve em conta, além disso, a seriedade da reunião em que o comunicado se deu, a idoneidade do médium e, se possível, numa auto-crítica, a intenção com que se foi atrás da mensagem..

Se muitos espíritos inescrupulosos tomam o nome do Cristo e de Maria, falando e escrevendo como se fossem os próprios, porque não poderiam enganar fornecendo uma falsa identidade fazendo-se passar por outro?!

Neste sentido, chamamos, se assim podemos nos expressar, a responsabilidade dos médiuns, para que sejam tão somente os “receptores” dos comunicados do Além, mas igualmente os seus examinadores sendo eles os principais interessados na

autenticidade do fenômeno, a fim de que não caiam, com devido respeito no conto do vigário...”

XXV- AUSÊNCIA DE NOTÍCIAS

“Entre as causas que podem se opor à manifestação do um espírito, algumas lhe são pessoais outras lhe são estranhas. É preciso colocar entre as primeiras, suas ocupações ou as missões que cumprem, e das quais não pode desviar-se para ceder aos nossos desejos; nesta caso sua visita não é senão adiada.”

(Cap. XXV – Segunda parte – Item- 275).

Embora permaneçam vinculados à Terra, nem todos os espíritos encontram-se em condições de comunicar-se mediunicamente com os que se demoram na luta física. Nem médiuns em número suficiente teríamos para tal cometimento, se os espíritos pudessem se manifestar como desejariam.

Quando desencarnam, os espíritos prosseguem em suas atividades no Mundo Espiritual: Alguns ascendem a regiões superiores da vida, em obediência aos impositivos da própria evolução, e outros precipitam-se nas regiões infelizes de onde não conseguem ausentar-se com facilidade.

Algemados a preconceitos de caráter religioso, dos quais não se libertam mesmo depois da morte, alguns espíritos recusam-se a “voltar” e manter contato com os que procuram saber como estão; outros reencontrando antigas afinidades, como que se “esquecem” dos laços consangüíneos a que se prenderam por determinado tempo...

Alguns desencarnados tentaram o difícil intercâmbio com os parentes e amigos, desistindo por não encontrar receptividade necessária ou contar com o interesse deles; outros, de acordo com as provações em que estejam envolvidos, como que se condenam ao silêncio, talvez justamente por ter ridicularizado semelhante oportunidade...

Enfim, são múltiplas as razões para a ausência de notícias da parte dos espíritos.

Alguns, se se manifestam, certamente haveriam de complicar a situação dos que pelejam no mundo, culpando-os pelas dificuldades que faceiam deste *outro lado da vida*; outros abordariam assuntos “censurados” pelos benfeitores espirituais, de vez que não lhes

assiste o direito de se utilizar de um médium para intranqüilizar os homens...

Alguns simplesmente não se expressam porque, dentro de um período relativamente curto, são reconduzidos á reencarnação e outros, em se vendo fora do corpo, se revelam indiferentes aos companheiros da retaguarda material...

Juntando-se às razões anotadas aqui, carecemos de levar em consideração o problema do médium que não se encontra apto para estabelecer sintonia com todo ou qualquer espírito que dele se aproxima. Existe ainda a questão fundamenta da *simpatia* entre o médium, o espírito, e os familiares interessados na mensagem. Não raro, o espírito se envergonha de expor ao público, e o médium, por sua vez, teme não corresponder ás expectativas das pessoas que, normalmente são muito exigentes, não considerando as limitações naturais de um intercâmbio dessa natureza.

Grande parte dos comunicados de Além-túmulo acontece com a intermediação dos *espíritos-médiuns*, ou seja, dos espíritos que, em nome dos evocados e com a devida permissão dos benfeitores, transmitem os seus recados aos corações amados, saudosos de suas notícias.

Allan Kardec, em *O livro dos médiuns*, faz uma consideração de suma importância: “... Uma primeira conversa não é tão satisfatória que se poderia desejar, e é por isso também que os próprios espíritos, freqüentemente, pedem para se chamados de novo. Pode acontecer, portanto, que numa primeira comunicação o espírito deixe a desejar; somente como o tempo, criando uma maior sintonia com o médium, ele irá se soltando mais, conseguindo se expressar com o desembaraço necessário.

Depois de certa insistência, através de um médium, na obtenção de notícias desse ou daquele familiar desencarnado, se a comunicação desejada não se concretiza, convém que as pessoas desistam ou, então, efetuem tentativas por um outro médium que ofereçam aos espíritos condições ideais. O que não é possível através de um médium, pode ser através de outro. Isto é perfeitamente compreensível.

Somos da opinião, que de um modo geral, as pessoas deveriam evitar obter mensagens de um mesmo espírito, através de médiuns diferentes. Temos visto muita gente perder a fé por isso.

Julgando os referidos comunicados contraditórios, porque não possuem o indispensável conhecimento doutrinário para discerni-los, acabam cavando o abismo da própria descrença.

XXVI – MANIFESTAÇÕES INCONVENIENTES

“25. Quando um espírito inferior se manifesta, pode-se obrigá-lo a retirar-se?”

Sim, não o escutando mais. Mas como quereis que se retire, quando vos divertis com suas torpezas? Os espíritos inferiores se prendem àqueles que os ouvem com complacência como os tolos entre vós.”

(Cap. XXV – Segunda parte – Item- 282).

Por manifestações inconvenientes, referimo-nos àquelas manifestações que ocorrem em locais e momentos inadequados.

Os espíritos esclarecidos sabem aguardar o instante e o local apropriado para se manifestarem, respeitando a intimidade dos lares e a disciplina existente nos centros espíritas; os espíritos ignorantes, não raro propositadamente, manifestam-se a qualquer hora e em qualquer lugar, valendo-se da invigilância dos médiuns de que se utilizam.

Consideramos inconvenientes as manifestações que acontecem durante a transmissão de passes, reuniões de caráter público nos templos espíritas, nas realizações de cultos do Evangelho no lar, nos ambiente de trabalho profissional, nas ruas, encontro de jovens, salas de evangelização infantil, visitas a doentes nos hospitais...

Quando ocorrer uma manifestação mediúnica imprevista ou inconveniente, é de bom alvitre que um doutrinador presente, agindo com a presteza e descrição possíveis, convide o espírito para se retirar, esperando o momento aconselhável para se expressar como necessita.

Os médiuns com algum conhecimento da Doutrina, sabe que não devem permitir a passividade quando o ambiente não seja propício; se o fazem carecem de ser alertados para que o fato não se repita.

É muito comum que médiuns em desenvolvimento, mormente no campo da mediunidade psicográfica, sintam impulsos para escrever

a toda hora... Não raro, interrompem o trabalho profissional ou a própria refeição para fazê-lo. Isto não deve acontecer. O espírito tanto quanto o médium, deve saber que o exercício mediúnico se fundamenta na disciplina.

É indispensável que o médium principiante se controle, fazendo prevalecer a sua vontade sobre a vontade do espírito; se ele cede sempre, pode acabar perdendo o equilíbrio, transformando o seu desenvolvimento mediúnico, num caso de obsessão.

Não sejamos, todavia, tão rigoristas. O bom senso carece de prevalecer sobre tudo. Esporadicamente um ou outro caso de manifestação imprevista de um espírito pode se “tolerado”. Às vezes, o fato está se dando com a permissão dos benfeitores espirituais, aproveitando-se talvez das condições favoráveis do momento... Normalmente, quando existe essa permissão, o espírito que consegue romper o bloqueio e comunicar-se o faz por extrema necessidade sua ou das pessoas às quais se dirige. Pode ser para evitar um suicídio, para dar um prova da sobrevivência, para “assustar” os descrentes.

Mas não permaneça nenhuma dúvida: o local apropriado para exercer a mediunidade é no centro espírita e nas reuniões específicas, organizadas conforme as orientações básicas da doutrina espírita

Médium que quer incorporar a todo instante, psicografar a toda hora, que vê ou ouve os espíritos a cada minuto, está sob evidente desequilíbrio e manda a caridade que este seja alertado a respeito. Pode ser inclusive, que haja a necessidade de uma *pausa momentânea* em suas atividades mediúnicas, ‘saneando’ o seu psiquismo, a fim de que, depois, ele as retome com mais discernimento e controle sobre as próprias emoções.

Infelizmente, a verdade é dura e carece de ser dita: Os médiuns acham que a partir do momento em que recebem a primeira comunicação já estão desenvolvidos... É como alguém que passasse a se considerar homem por ter alcançado a maioridade... Crendo-se assim desenvolvidos, eles próprios se dispensam de qualquer estudo do Espiritismo, acreditando que já chegaram aonde muitos ainda estão se esforçando para chegar ... É que, em geral, os médiuns, crendo que serão instruídos pelos espíritos, não gostam de estudar. Mas é também por isto que muitas mediunidades não avançam além do primeiro passo.

Os espíritos não têm o direito de serem inconvenientes em suas manifestações; quando são, parcela dessa inconveniência deve ser tributada à invigilância e à indisciplina dos médiuns.

XXVII – O ESSENCIAL

“5. Há pessoas que não tem o tempo nem a aptidão necessários para um estudo sério e aprofundado, e que aceita o que se lhe ensina sem exame. Não há para elas o inconveniente de abonar erros?”

Que pratiquem o bem e não façam o mal, é o essencial; para isso não há duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer vós o façais em nome de Allah ou de Jeová, porque não há senão um Deus para todo o universo.”

(Cap. XXVII – Segunda parte – Item- 301).

Seja qual for o setor de atividades a que estejam engajados, a prática do bem é essencial.

Tudo o que fazemos, seja na Terra ou no Além, é com o único objetivo de vivenciarmos o bem de maneira espontânea e natural.

O bem é o ponto para onde convergem, necessariamente, todas as religiões, por maior que possam ser as divergências doutrinárias com que se oponham.

**O espírito de verdade afirma em o “*O livro dos médiuns:*”
“Qualquer que seja, pois, o modo de progressão que se suponha para as almas, o objetivo final é o mesmo, e o meio de atingi-lo é também o mesmo: fazer o bem; ora, não há duas maneiras de fazê-lo.”**

Médiuns, mediunidades e espíritos, estão todos a serviço de uma única causa: a evangelização da humanidade, alicerçada no “amai-vos uns aos outros”

Um grande pensador já dissera que toda a bíblia fora escrita com um só propósito, de ensinar o homem o amor.

Cristo como se sabe, não formalizou nenhuma religião sobre a Terra... Ele não se ligou nem ao judaísmo vigente, nem á filosofia essênica, não aderiu nem ao esoterismo dos egípcios e nem ao modo de pensar dos gregos... ignorou o paganismo dos romanos e a idolatria dos hindus com seus deuses védicos... Proclamou simplesmente: “Conheceis a verdade e a verdade vos libertará”,

Encerrando toda lei e os profetas na síntese inesquecível: “Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmos”.

Os que forem simpáticos ao bem, mesmo sem tempo e aptidão para um estudo mais aprofundado da Doutrina, haverão de, naturalmente, simpatizar-se com ela; neste sentido, temos mais espíritas no mundo do que possamos imaginar.

Mais importante do que ser médium é ser bom...

De fato, algumas pessoas existem que, sem maior discernimento, parece aceitar tudo que vêm dos espíritos... Aparentemente enganados, essas pessoas, simples e sem malícia, transformam naturalmente em bem todo o mal de que sejam alvos... às vezes, crédulos ao extremo, mais crédulos inclusive do que os próprios médiuns, sem que neles essa credulidade se confunda com fanatismo, contam com a proteção dos benfeitores espirituais que não permitam que sofram qualquer prejuízo moral.

Todavia, no assunto em pauta, cabe-nos uma ressalva: Embora a prática do bem seja o essencial, os médiuns não devem, por isso, desconsiderar a necessidade de estudar a doutrina, mesmo porque quem se aprofunda no conhecimento doutrinário se convence cada vez mais que a prática do bem é de fundamental valor no processo de renovação íntima.

Quem vivencia o bem com consciência o vivência com plenitude!

Conhecendo os mecanismos de causa e efeito, o homem estará sempre desperto para as suas responsabilidades perante a vida

Estudando, que tem dificuldades para fazer o bem, o fará mesmo contrariando a sua vontade... Compreenderá que precisa criar dentro de si uma predisposição para o bem, e isto não acontecerá sem que ele force sua própria natureza.

Enfim, estudando, ele colocará a inteligência a serviço do coração, para que o coração colabore com a inteligência na tarefa da sua própria iluminação.

Quando fizemos a colocação ‘forçar’ a sua própria natureza, entendemos que o homem, embora naturalmente bom por herança Divina, jaz transitoriamente desnorteado no que se refere às suas origens... Talvez devêssemos ter dito “retome a sua natureza”. Aliás, o processo evolutivo do espírito através de suas múltiplas experiências, até que alcance a angelitude, nada mais é do que o

retorno à fonte inalterável do bem de onde, um dia, qual filho pródigo da parábola do Cristo, saiu para amalhar às próprias expansas o conhecimento que lhe outorgasse maioria espiritual para voltar à casa paterna.

Portanto, a mediunidade, é dada para intercâmbio do bem. Os médiuns que se afastarem desse caminho estarão desvirtuando a mediunidade de sua finalidade básica e, certamente, responderão por isso.

XXVIII – REUNIÕES SÉRIAS

“Todo médium que deseje sinceramente não ser joguete da mentira, deve, pois, procurar trabalhar em reuniões sérias. (...)”

(Cap. XXIX – Segunda parte – item- 329).

Não existem reuniões sérias sem dirigentes sérios e, conseqüentemente, sem participantes sérios.

Não estamos nos referindo àquela seriedade carrancuda, porque seriedade não é banir a alegria do coração, afivelando dura mascara na face.

Seriedade nas reuniões espíritas é sinônimo de responsabilidade, de disciplina e devotamento.

Não somos a favor da formalidade inflexível nas reuniões mediúnicas, formalidade que, não raro, se contrapõe ao espírito de fraternidade e de tolerância que nelas deve imperar; entretanto, a pretexto de compreensão evangélica, as reuniões não podem descambar para a espontaneidade exagerada, comprometendo-lhes o rendimento.

Por exemplo: Uma reunião deve ter um horário para começar e um para terminar; vez ou outra, porém, é admissível um pequeno atraso nos horários estabelecidos. É natural que às vezes um médium tenha que faltar a ela, por uma viagem de férias com a família, por exemplo. Mas ausentar-se sempre é demonstrar falta de interesse e convicção.

Toda espécie de trabalho, para produzir os melhores frutos, carece de disciplina e abnegação.

Os espíritos sérios não participam de reuniões que não sejam sérias, deixando-as entregues aos espíritos desocupados.

Reunião séria é reunião em que se deve evitar a improvisação de local, de dia e horário, porque os espíritos sérios necessitam de programar-se com antecedência para dar a elas a cobertura espiritual indispensável.

Às vezes, por puro convencimento, determinados médiuns se julgam tão íntimos dos espíritos que os imaginam sempre à sua disposição, como se eles não tivessem mais o que fazer.

A descontração entre os integrantes de uma equipe mediúnica é fator positivo no aproveitamento das reuniões, porque os espíritos esclarecidos não perdem o seu senso de humor. “Rejubilai-vos sempre”, recomenda-nos o apóstolo. Entretanto, a alegria excessiva, entremeada por piadas de mau gosto, é perfeitamente dispensável.

É comum repararmos um fato curioso: existem companheiros espíritas que, como que para contrabalançar seus assuntos da religião, dizem que, porque ainda estão no mundo, carecem de “pagar tributo à matéria”... Baseados neste pensamento cometem excessos de toda natureza, crendo-se justificados em seus erros.

Não é bem assim. De fato, espírita, seja ele ou não médium em atividade, é uma pessoa comum que, compreensivelmente, não deve furtar-se aos eventos sociais. Ninguém o condenará pelo hábito de comer carne, do qual ainda não se tenha libertado, ninguém deverá recriminá-lo pelos seus investimentos financeiros ou pela bebida que aprecie degustar moderadamente às refeições... Seria o cúmulo se os espíritos sérios fossem tão exigentes; quando o Cristo estendeu a mão ao avaro Zaqueu e à Madalena, a irmã equivocada em seus sentimentos de mulher...

Entretanto, porque nos toleram com as nossas mazelas morais, não podemos concluir que os espíritos sérios aproveem os nossos excessos.

É importante que o médium tenha noção de limite.

Se os espíritos superiores estivessem á procura de anjos, certamente haveriam de procurá-los noutra lugar que não a Terra... Mediunidade não é condição de angelitude. Estamos a milhares de anos-luz da perfeição a que nos destinamos; mas, porque assim é, não devemos nos acomodar no lodaçal, ignorando as estrelas...

Os centros espíritas que só se ocupam de mediunidade em todas as reuniões, em nosso modesto ponto de vista, carecem de rever a sua programação.

Atentamos ainda para a sábia advertência paulina, na 1ª epístola aos Coríntios, cap.15, v.33: “Não vos enganeis; as más conversações corrompem os bons costumes.”

Vigiem e orem dentro da casa espírita. O assunto frívolo nasce do nada, ganha corpo, recebe o nome de fofoca e, sorrateiramente, provoca desastres de proporções imensas...

XXIX- POUCO A POUCO

“Se o Espiritismo deve, assim como está anunciado, ocasionar a transformação da humanidade, isso não pode ocorrer senão pelo melhoramento das massas, a qual não chegará, gradualmente e pouco a pouco, senão pelo melhoramento dos indivíduos.

(Cap. XXIX – Segunda parte – item-350)

Realmente, a tarefa do médium na doutrina espírita está revestida de significativa importância na obra de espiritualização da humanidade, sob a égide do Cristo.

Fazendo-se interprete dos espíritos, o médium pode cooperar no despertamento das almas adormecidas, conscientizando-as quanto à finalidade da vida no corpo denso.

Entretanto, nenhum médium deve ignorar que a evolução espiritual dos homens acontecerá de improviso. Há dois mil anos, o Evangelho trabalha, pacientemente, na edificação do reino Divino sobre a Terra.

Lentamente, as idéias das pessoas se modificam.

A violência não consta dos planos Divinos.

Toda transformação real acontece de dentro para fora.

Antes que o médium anseie transformar a humanidade através dos fenômenos que produza, procure renovar a si mesmo, aproveitando ele próprio, primeiro, as lições de que se faça interprete, para terceiros.

Operando a sua renovação á luz do Evangelho Redivivo, o seu exemplo de vida, mais do que a mediunidade de que seja portador, influenciará positivamente os que observem o “fenômeno” se sua transformação...

Melhorando-se, o médium, conclamará, sem palavras, à melhoria, quantos existam ao seu redor e, conseqüentemente, a pouco e pouco, há de melhorar, em silêncio, a humanidade como um todo.

Paulo, a quem sempre recorreremos, em sua 1º epistola aos Coríntios, cap.8 v.27, declarou: “Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado.” Aos Gálatas, no cap.2, v.20, de suas preciosas considerações, escreveu: “... já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim...”

A palavra que não for sancionada pelo exemplo se dispersará aos sopros do vento, mas a palavra vivificada pela ação ecoará sempre sobre todos os caminhos, fazendo-se ouvir mesmo depois que emudeceram os lábios dos que as proferiram.

Ao invés, pois, de angustiar-se pela conversão da humanidade aos princípios espíritas, que o médium se aflija pela sua adesão integral aos postulados do Consolador, entregando-se sem condições e sem mais demora aos braços do Divino Amigo.

Kardec é incisivo ao questionar: “Que importa acreditar na existência dos espíritos, se essa crença não torna melhor, mais benevolente, e mais indulgente para com os seus semelhantes, mais humilde, mais paciente na adversidade? Que serve ao avaro ser espírita; ao orgulhoso, se ele é sempre pleno de si mesmo; ao invejoso que é sempre invejoso? Todos os homens poderiam, pois, acreditar nas manifestações, e a humanidade ficar estacionária; mais tais não são os desígnios de Deus.”

Ainda e sempre Paulo, redigindo aos irmãos de Corinto, sentencia em sua inesquecível epistola: “...e quando eu tivesse o dom da profecia, penetrasse todos os mistérios, e tivesse toda ciência de todas as coisas; quando tivesse ainda toda a fé possível, até transportar montanhas, se não tivesse caridade não teria nada.

Ainda quando agraciado pelo dom da mediunidade, se o médium não tem caridade, ou seja, se ele não se prevalece dessa condição para melhorar a si mesmo, isto pouco lhe valerá perante a vida imortal.

Depois de ter conquistado territorialmente o mundo, para tanto levando quase vinte séculos, o evangelho parte agora para a conquista territorial dos corações... Quantos séculos gastará em tal empreendimento, quiçá muito mais difícil?

Não desanimemos, entretanto. Uma alma que se entregue ao Cristo atrairá centenas de outras almas, como Ele próprio nos disse: “Quando eu for levantado da cruz, atrairei todos a mim...”

XXX – UNAMO-NOS

O Espiritismo deveria ser uma salvaguarda contra o espírito de discórdia e dissensão; mas esse espírito tem, em todos os tempos, derramado elementos de discórdia sobre os humanos, porque tem inveja da felicidade que proporciona paz e união.

(Cap. XXXI – segunda parte – item-XXVI).

A história registra que as discórdias e as dissensões sempre foram os maiores adversários das causas mais nobres.

O cristianismo, desde o princípio, mesmo quando Jesus estava na Terra, sofreu com as desavenças entre os seus adeptos.

Assim que se viram livres das perseguições de três séculos, os cristãos começaram a disputar entre si, permitindo que o espírito de competição lhes prejudicasse as tarefas.

Em suas famosas epistolas às comunidades nascentes do Cristianismo, Paulo concita à fraternidade legítima, afastando-se do personalismo que tantos estragos provocaria em suas fileiras.

Observamos hoje na Doutrina Espírita, passado o período das perseguições que lhe foram movidas fora de seus muros, uma tendência de se repetir os equívocos do Cristianismo, logo que Constantino o declarou religião oficial do estado.

Infelizmente, dados a polêmicas acirradas, a pretexto de defender o Espiritismo, os espíritas têm se esquecido de preservar a paz do movimento doutrinário a que se encontram engajados.

Sem respeito mútuo não existe união eficaz.

Transformando os seus periódicos em praças de guerra de opiniões, atacam-se uns aos outros, esquecidos da advertência de Jesus que afirmou que uma casa subdividida não chegaria a manter-se de pé.

O nosso apelo é no sentido de que os companheiros de ideal Espírita-Cristão procurem efetivamente se unir, como integrantes de uma única e mesma família.

Que olvidem possíveis divergências doutrinárias para que o movimento não se enfraqueça e não apresente brechas ao ataque das trevas...

Que os médiuns sintam a responsabilidade que lhes pesa sobre os ombros e guarde vigilância redobrada contra os espíritos incendiários, aquele que alimenta o fogo das desavenças nos corações.

A Timóteo, em sua 1ª carta, Paulo assevera no capítulo 6, versículo 3 a 5: “Se alguém ensinar uma outra doutrina e não concorda com as sãs palavras do nosso Senhor Jesus Cristo e com a doutrina conforme a piedade, é porque é cego, nada entende, é um doente á procura de controvérsias e discussões de palavras. Daí nascem as invejas, as brigas, as altercações intermináveis entre os homens de espírito corrupto e desprovido de verdade...”

Sempre que tenhamos de nos dirigir aos outros, façamo-lo fraternalmente.

Evitemos ataques pessoais, a pretexto de defender a verdade.

Que os médiuns não se invejem mutuamente.

Que os grupos permutem experiências com humildade. Que o movimento espírita se mostre coeso, na certeza que maiores desafios ainda estão por vir...

A maior luta da Doutrina, num futuro não muito distante será para manter-se livre dos movimentos espiritualistas paralelos que se multiplicam, em todo o mundo, na atualidade. Admitindo alguns de seus postulados, como a reencarnação e a mediunidade, esses espiritualismos modernos, todavia, não se encontram vinculados ao Cristo e, se disseminam ensinamentos esotéricos, não sustentam nenhuma proposta mais séria de renovação íntima.

Que o Espiritismo permaneça fiel ao Evangelho e sobreviverá doutrinariamente a essa verdadeira avalanche de seitas orientalizadas que tem arrebatado milhões e milhões de seguidores em toda a parte. Mas para que a Doutrina Espírita triunfe com a bandeira do Evangelho, necessita que os seus adeptos falem a

mesma língua, não transformando-a pelas suas discórdias, numa moderna “torre de Babel...”

Os espíritos mais diretamente responsáveis pela direção do movimento espírita têm revelado essa preocupação constante e, sempre que possível, solicita-nos concitar os confrades à tolerância à compreensão, à perseverança, à renúncia e, sobretudo à boa vontade de uns para com os outros.

Unamo-nos, pois.

Não nos transformemo-nos em pedras de tropeço do que nos é tão caro!

Não sejamos obstáculos á propagação da Doutrina que tem sido a razão de nossas vidas.

“Muito se pedirá a quem muito recebeu...”